

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Marta de Oliveira

**OS EFEITOS DA ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO NO COMPORTAMENTO
INFORMACIONAL DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM MOBILIDADE
ACADÊMICA NO EXTERIOR**

Porto Alegre
2017

Marta de Oliveira

**OS EFEITOS DA ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO NO COMPORTAMENTO
INFORMACIONAL DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM MOBILIDADE
ACADÊMICA NO EXTERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia, pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação, da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Sônia Elisa
Caregnato

Coorientador: Maurício de Vargas Corrêa

Porto Alegre

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Chefe-Substituta: Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Vice-Coordenador: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CPI)

Oliveira, Marta de

Os efeitos da ansiedade de informação no comportamento informacional de alunos de graduação em mobilidade acadêmica no exterior / Marta de Oliveira. – 2017.

91 f. : il. color.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Elisa Caregnato.

Coorientador: Maurício de Vargas Corrêa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2017.

1. Ansiedade de informação. 2. Comportamento informacional. 3. Mobilidade acadêmica no exterior. I. Caregnato, Sônia Elisa. II. Corrêa, Maurício de Vargas. III. Título.

Catalogação: Marta de Oliveira

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana

CEP: 90035-007 - Porto Alegre – RS

Telefone: (51) 3308-5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Marta de Oliveira

**OS EFEITOS DA ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO NO COMPORTAMENTO
INFORMACIONAL
DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM MOBILIDADE ACADÊMICA NO EXTERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia, pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação, da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Aprovada em _____ de _____ de 2017.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Sônia Elisa Caregnato - UFRGS
Orientadora

Mestrando Maurício de Vargas Corrêa
Coorientador

Profa. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz - UFRGS
Examinadora

Bibliotecária Dirce Maria Santin - UFRGS
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Neusa que sempre me incentivou a estudar e que fez o possível e muitas vezes o impossível para que eu chegasse até aqui. A minhas irmãs, principalmente a Gil por durante esse tempo ter trabalhado em dobro para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Agradeço a UFRGS por ter me proporcionado formação de qualidade e de excelência.

Agradeço a todos da Biblioteca da FCE da UFRGS, da Biblioteca Fatec/Senac RS, da Biblioteca da ONU, da Biblioteca do TJMRS e a Biblioteca do IFRS por terem me recebido e terem sido fundamentais na minha formação. Em especial aos bibliotecários (as): Fátima Soares, Eliane Gonçalves, André Costa, Vinícius Silva, Leonel Schardong, Francine Feldens e Filipe Xerxenesky.

Agradeço a minha orientadora, professora Sônia Caregnato por aceitar gentilmente me conduzir durante esse período, por sua dedicação e profissionalismo e ao meu coorientador Maurício Corrêa pelo carinho, dedicação e por ter tornado esse tarefa final mais agradável.

Agradeço as professoras Eliane Moro e Maria Lucia Dias por me darem a oportunidade de ser monitora de suas disciplinas.

Agradeço a todos os professores do Curso de Biblioteconomia e dos demais departamentos que compartilharam seu conhecimento e colaboraram para minha formação.

Agradeço ao Departamento de Bioquímica da UFRGS particularmente a minha colega Ediane Gheno, a professora Luciana Calabro e ao professor Diogo Onofre por me permitirem conhecer e participar de seus estudos cientométricos.

Agradeço as amigas que fiz no Técnico em Biblioteconomia que levo sempre no meu coração, Carina Pahim, Láis Moretto e Karina Feltrin.

Agradeço as amigas que fiz durante a faculdade Rosana, Paola, Inaúma e particularmente a Amanda, minha grande parceira nessa jornada.

Agradeço a meu grande amigo, conselheiro e confidente Matheus pelo apoio, que mesmo distante nessa etapa final foi sempre tão presente.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que eu chegasse até aqui.

Agradeço principalmente a Deus a quem devo tudo que sou e tudo que tenho.

RESUMO

Busca identificar se o excesso de informação afeta o comportamento informacional de graduandos de duas universidades do Rio Grande do Sul em mobilidade acadêmica no exterior e se esses fatores causam algum efeito de ansiedade informacional nos sujeitos da pesquisa. O estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza básica e é classificado quanto a seus objetivos como exploratório e descritivo. A abordagem deste estudo é a de métodos mistos, ou seja, foram coletados dados qualitativos e quantitativos. O procedimento metodológico utilizado foi o estudo de campo. Para coleta de dados foi aplicado um questionário com questões abertas e fechadas a 15 estudantes de graduação em mobilidade acadêmica no exterior. Por conta da natureza dos dados, foram empregadas técnicas quanti e qualitativas na etapa de análise. Os resultados apontam que o perfil dos sujeitos da pesquisa é, em sua maioria, de jovens do sexo feminino, provenientes de IES privada, do Curso de Direito, que escolheram Portugal para realização da mobilidade acadêmica, que buscam experiências relacionadas com o conhecimento de novas culturas e o desenvolvimento pessoal e profissional. Quanto à busca de informação, a maioria dos sujeitos faz uso da internet, dos sites de redes sociais, além de consultar os amigos. As dificuldades apontadas pelos sujeitos ao realizar a busca têm relação com a acessibilidade e confiabilidade das fontes encontradas. A maioria dos sujeitos declara ter desconforto em relação à biblioteca, além de acreditarem que a mudança de país influencia na maneira de pesquisar. Em relação ao modo como os sujeitos reagem diante do excesso de informação, a maioria acredita que o grande volume de informação disponível na internet é um auxílio para a tomada de decisão. Já para aqueles que acreditam prejudicar, a grande preocupação é com a segurança e a veracidade da informação. A maior parte ainda diz que esse excesso de informação interfere no rendimento, memória e concentração, pois é difícil lidar com a grande quantidade de informações e com o pouco tempo disponível para a realização das tarefas, sejam essas cotidianas ou acadêmicas. A partir das colocações dos sujeitos da pesquisa, pode-se perceber que a maioria deles apresenta algum comportamento indicativo de que lidar com a informação causa desconforto, incerteza e até mesmo sintomas físicos e psicológicos, como estresse, queda de rendimento, alteração de humor, entre outros. A maioria dos sujeitos acredita que o excesso de informação é a principal causa da ansiedade de informação, porém por estarem em outro país às preocupações referentes às despesas e até mesmo a distância da família e a forma de avaliação das instituições de ensino afetam o comportamento desses estudantes. Conclui-se que o excesso de informação afeta o comportamento informacional e causa efeitos da ansiedade de informação. Além disso, pode-se considerar que o desconforto durante a busca é um reflexo do desconhecimento dos estudantes em relação às fontes de informação mais adequadas para cada área.

Palavras-chave: Ansiedade de informação. Comportamento informacional. Mobilidade acadêmica no exterior.

ABSTRACT

It seeks to identify if the excess of information affects the informational behavior of undergraduate students from two universities of Rio Grande do Sul in academic mobility abroad and if these factors can cause information anxiety. The study is characterized as basic research and is classified as exploratory and descriptive as its objectives. The approach of this study is that of mixed methods, that is, qualitative and quantitative data were collected. The methodological procedure used was the field study. To collect data, a questionnaire was applied to 15 undergraduate students in academic mobility abroad in order to understand if the excess of information affects their informational behavior and if it can cause information anxiety. The typical profile of the participants is of a young women, studying in a private University, taking a Law Degree, who chose Portugal as the place to carry out the academic mobility, and who is seeking knowledge of new cultures and personal and professional development. As for the information searching, most of the participants make use of the internet, social networking sites, in addition to consulting their friends. The difficulties pointed out by the students when carrying out information searches are related to the accessibility and reliability of the sources retrieved. Most subjects report having discomfort with the library, as well as believing that the change of country influences the way they search for information. Regarding to the excess of information and how subjects react to this phenomenon, most believe that the large amount of information available on the internet is an aid to decision making. For those who believe it to be a harm, the great concern is with the security and accuracy of the information. Most still say that this excess of information interferes with performance, memory and concentration, because it is difficult to deal with large amounts of information having little time available to perform the tasks, whether daily or academic. The study found that for most of the participants dealing with information causes discomfort, uncertainty and even physical and psychological symptoms, such as stress, drop in performance, mood swings, among others. Most participants believe that the excess of information is the main cause of their information anxiety, but the fact that they are in a different country, away from their families, have to worry about expenses and even the form of evaluation of the educational institutions affect the behavior of these students. It concludes that excessive information affects informational behavior and causes information anxiety. In addition, the discomfort during searching is a reflection of the students' lack of knowledge regarding the adequate sources of information for each area.

Keywords: Information anxiety. Informational behavior. Academic mobility abroad.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Faixa etária dos sujeitos da pesquisa	42
Gráfico 2	Sexo dos sujeitos da pesquisa	43
Gráfico 3	Instituição de origem dos sujeitos da pesquisa	43
Gráfico 4	Tempo médio utilizado no processo de busca de informação apontado pelos sujeitos da pesquisa	50
Gráfico 5	Influência da mudança de país na busca de informação	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Modelo de <i>Information Search Process</i> de Kuhlthau	25
Quadro 2	Relação entre a quantidade de informação na internet e a ansiedade informacional	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Cursos dos sujeitos da pesquisa	44
Tabela 2	Países escolhidos para realizar a mobilidade acadêmica	44
Tabela 3	Instituição escolhida para realizar a mobilidade acadêmica	45
Tabela 4	Motivos apontados pelos sujeitos da pesquisa para realizar a mobilidade acadêmica no exterior	46
Tabela 5	Como é realizada a busca por informações no país em que está realizando a mobilidade acadêmica	48
Tabela 6	Desconforto dos sujeitos da pesquisa em relação às fontes de informação	54
Tabela 7	Comportamentos relacionados à ansiedade de informação apontados pelos sujeitos da pesquisa	65
Tabela 8	Manifestações em consequência do excesso de informação indicadas pelos sujeitos da pesquisa	67
Tabela 9	Outros fatores que causam desconforto informacional nos sujeitos da pesquisa	71

LISTA DE SIGLAS

DSI	Difusão Seletiva da Informação
IES	Instituições de Ensino Superior
ISP	Information Search Process
OMS	Organização Mundial da Saúde
RS	Rio Grande do Sul
TDA	Transtorno de Déficit de Atenção
TOC	Transtorno Obsessivo Compulsivo
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	ESPECIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA	13
1.2	OBJETIVOS	15
1.2.1	Objetivo geral	15
1.2.2	Objetivos específicos	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	MOBILIDADE ACADÊMICA	16
2.2	COMPORTAMENTO INFORMACIONAL	18
2.3	MODELOS DE COMPORTAMENTO INFORMACIONAL	22
2.4	ANSIEDADE INFORMACIONAL	27
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
3.1	NATUREZA, ABORDAGEM E OBJETIVO DO ESTUDO	33
3.2	ESTUDO DE CAMPO	36
3.3	SUJEITOS DO ESTUDO	37
3.4	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	37
3.5	COLETA DE DADOS	40
3.6	ANÁLISE DOS DADOS	40
3.7	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	41
4	DISCUSSÃO E RESULTADOS	42
4.1	PERFIL DOS GRADUANDOS EM MOBILIDADE ACADÊMICA	42
4.2	BUSCA, SELEÇÃO E USO DA INFORMAÇÃO PELOS GRADUANDOS EM MOBILIDADE ACADÊMICA	47
4.3	EXCESSO DE INFORMAÇÃO NOS GRADUANDOS EM MOBILIDADE ACADÊMICA NO EXTERIOR	58
4.4	ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO NOS GRADUANDOS EM MOBILIDADE ACADÊMICA NO EXTERIOR	65
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	75
	APÊNDICE A – Questionário	82
	APÊNDICE B – Mensagem enviada aos sujeitos da pesquisa	91

1 INTRODUÇÃO

Com a explosão da informação e o crescimento tecnológico, percebe-se que o número de informações produzidas e o acesso a estas avançaram de maneira sem precedentes na história da humanidade. Porém essa facilidade em acessar a informação é algo que pode trazer alguns problemas para quem a busca. Com tanto material disponível, surgem dúvidas como: o que devo usar, o que é seguro, o que de fato eu preciso e é importante para solucionar as minhas necessidades. Essas dúvidas acabam trazendo certa inquietação e incerteza, que são características da ansiedade informacional.

Com o crescimento informacional e a transformação da sociedade do conhecimento, a busca por uma formação mais qualificada e abrangente faz com que muitos estudantes busquem oportunidades de estudo em outros países, seja por um ou mais semestres, sendo a mobilidade acadêmica uma possibilidade mais acessível, tendo em vista que semestralmente são abertos inúmeros editais com oferta de bolsas de estudos, ou sem bolsa de estudos, através de convênios entre as instituições brasileiras e estrangeiras.

Outros fatores que intensificaram a busca por novas oportunidades de formação foram as mudanças de cunho socioeconômico, cultural e tecnológico ocorridas nos últimos anos no país. Esses fatores criaram novas necessidades na formação dos acadêmicos, como a busca de níveis mais altos de educação, a fim de prepará-los para atuarem em uma sociedade cada vez mais globalizada e que se desenvolve devido à procura cada vez maior pelo conhecimento.

Diante disso, este estudo se propõe a analisar se o excesso de informação afeta o comportamento informacional de graduandos de uma universidade pública e de uma privada do Estado do Rio Grande do Sul (RS) em mobilidade acadêmica no exterior e se isso pode gerar algum sintoma de ansiedade de informação nestes sujeitos. Estes estudantes foram escolhidos, pois é crescente número de pessoas que buscam uma formação integrada a fim de qualificar sua formação para atuarem em uma sociedade cada vez mais globalizada.

Através do objetivo geral e dos objetivos específicos formulados, foi possível responder ao problema de pesquisa deste estudo. Para melhor compreensão sobre o tema foi elaborado um referencial teórico que engloba conceitos sobre mobilidade acadêmica, internacionalização da educação, comportamento informacional e alguns

modelos de comportamento informacional na visão de autores conceituados na área, como Chun W. Choo, Thomas D. Wilson, David Ellis e Carol Kuhlthau. O referencial teórico aborda ainda o conceito de ansiedade, mais especificamente a ansiedade de informação, que tem como principal autor Richard S. Wurman.

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza básica e é classificado quanto a seus objetivos como exploratório e descritivo. Como procedimento metodológico, foi utilizado o estudo de campo, pois o intuito do estudo é entender o comportamento de um grupo determinado e também por ser um método mais flexível. Para coleta de dados, foi aplicado um questionário a fim de compreender o comportamento informacional dos estudantes e se o excesso de informação afeta este comportamento, podendo gerar alguma manifestação da ansiedade de informação nos sujeitos da pesquisa. Por conta da natureza dos dados, foram empregadas técnicas quantitativas e qualitativas na etapa de análise. Para embasar as escolhas metodológicas e dar confiabilidade ao estudo foram utilizados autores conceituados na área de metodologia.

1.1 ESPECIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA

A informação sempre foi fundamental no cotidiano, é ela que movimenta o mundo. Tem grande responsabilidade na evolução da sociedade, pois é por meio dela que a sociedade se comunica e interage de forma holística. É a informação que alimenta a sociedade do conhecimento e faz a ciência avançar.

A evolução tecnológica e o crescimento informacional passaram por um grande avanço nos últimos anos, pois cada vez mais se produz material e se adquire conhecimento. Com isso, o volume de informações que se recupera ao pesquisar sobre diversos assuntos é muito vasto, fazendo com que o consulente tenha uma sobrecarga de informações. Esse grande volume pode atrapalhar o usuário na realização de determinado estudo ou pode ser um desafio, já que a abundância informacional gera mudanças no comportamento de busca, seleção e uso da informação.

Outro elemento que contribuiu com a mudança na comunicação científica foi o acesso à informação. Ao mesmo tempo em que facilitou o trabalho do usuário, pois este tem acesso mais rápido ao que é produzido, também prejudicou o mesmo, uma vez que essa facilidade pode gerar uma ansiedade informacional, devido ao elevado

número de materiais disponíveis e a dúvida do que fazer ou como lidar com esse excesso de informação.

O interesse pelo tema deste trabalho e o questionamento correspondente surgiram a partir de situações ocorridas durante a formação acadêmica da autora, sobre como buscar a informação, o que fazer e como usar tanta informação selecionada e o que de fato é importante e pode contribuir para o estudo desejado. Outro ponto importante foi o desejo de realizar mobilidade acadêmica durante a graduação. Como não foi possível realizar essa vontade e percebendo que alguns colegas e amigos estavam indo para o exterior para buscar formação integrada, surgiram questionamentos sobre como seria a busca de informação acadêmica e para o cotidiano em outros contextos e como lidar com a ansiedade na vida acadêmica e com a ansiedade gerada pela curiosidade de conhecer e entender o país escolhido para fazer a mobilidade acadêmica.

Levando em conta que o bibliotecário tem como competência compreender o processo de busca, seleção e uso da informação pelos usuários, pode-se inferir que este profissional tem o papel primordial de facilitar o acesso a determinadas fontes de informação e às plataformas mais adequadas a cada indivíduo. Essas fontes de informação são estudadas pelos bibliotecários durante sua formação e é de competência desse profissional sugerir as fontes adequadas para cada pessoa em determinada pesquisa. Com isso, o papel do bibliotecário é essencial no processo de busca, seleção e uso da informação.

Também se percebe que o comportamento do usuário reflete o contexto no qual ele está inserido. Deste modo, esse estudo se propõe a entender o comportamento informacional dos estudantes em mobilidade acadêmica no exterior diante do excesso de informação e da ansiedade informacional e contribuir para a pesquisa e crescimento da Ciência da Informação.

Para tanto, serão analisadas as questões que interferem no comportamento informacional desses estudantes, com base nas seguintes questões: Como o excesso de informação afeta o comportamento informacional dos graduandos em mobilidade acadêmica no exterior? Isso gera alguma manifestação da ansiedade de informação nestes sujeitos?

1.2 OBJETIVOS

Aqui são apresentados os objetivos deste trabalho, divididos em objetivo geral e objetivos específicos.

1.2.1 Objetivo geral

Identificar se o excesso de informação causa ansiedade e afeta o comportamento informacional de graduandos de duas universidades do Rio Grande do Sul em mobilidade acadêmica no exterior.

1.2.2 Objetivos específicos

Abaixo serão apresentados os objetivos específicos:

- a) traçar o perfil dos graduandos em mobilidade acadêmica no exterior participantes dessa pesquisa;
- b) investigar como estes estudantes buscam, selecionam e utilizam a informação;
- c) averiguar se o excesso de informação interfere na satisfação quanto à busca e ao uso da informação;
- d) identificar as manifestações de ansiedade informacional causadas pelo excesso de informação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste segmento são trazidas as abordagens teóricas que embasam as questões relacionadas com a mobilidade acadêmica, bem como o comportamento informacional e a ansiedade de informação.

2.1 MOBILIDADE ACADÊMICA

A busca pela educação sem fronteiras não é algo novo, porém nas últimas décadas tanto os países desenvolvidos quanto aqueles que buscam o desenvolvimento passaram a dar mais atenção à formação superior, pois ela é essencial na geração do conhecimento, como apontam Chaves e Castro:

A internacionalização da educação superior não se constitui em um processo recente, tendo seu marco inicial pós 1945 com a necessidade de reconstrução da Europa devastada pela Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, a internacionalização almejava assistência técnica para o desenvolvimento do continente por meio de acordos científicos, mobilidade estudantil e bolsas de capacitação. (CHAVES; CASTRO, 2016, p. 120).

O atual contexto também deve ser levado em conta, devido ao crescente aumento do acesso à informação e à participação dos países desenvolvidos e daqueles que almejam o desenvolvimento na sociedade do conhecimento, conforme Castro e Cabral Neto:

No atual contexto marcado pelo aumento do acesso à informação, pela necessidade de inserção dos países na sociedade do conhecimento, pela redução de custos de formação e por um melhor aproveitamento da infraestrutura de comunicação, a internacionalização no campo da educação é reconfigurada para atender a esses novos requerimentos decorrentes das mudanças impressas pela dinâmica social que se delineiam nos anos finais do século XX e se aprofundam neste início de século. No contexto globalizado, a educação em nível superior, à medida que cumpre a função de produtora e propagadora de conhecimentos, é vital para o crescimento tanto de países desenvolvidos quanto para aqueles em desenvolvimento. (CASTRO; CABRAL NETO, 2012, p. 71).

A ideia de internacionalização do ensino superior e a importância em valorizar o conhecimento intelectual dos indivíduos já era muito presente no final da década

de 90, isso fez com que as universidades repensassem seus mecanismos de interação acadêmica e profissional. Essa necessidade foi discutida na Conferência Mundial de Ensino Superior promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) no ano de 1998:

[...] a iniciativa de internacionalização desse nível de ensino ficou evidente na importância atribuída ao conhecimento e a valorização do capital intelectual dos indivíduos, direcionando as universidades a revisão e criação de estratégias, com o propósito de que seus estudantes possam adquirir competências acadêmicas e profissionais que lhes permitam interagir numa sociedade cada vez mais internacional, contribuindo para o enfrentando (sic) dos desafios impostos aos países no contexto de economia globalizada. (CHAVES; CASTRO, 2016, p.122).

A internacionalização da educação tem um princípio básico, que é a qualificação da educação. Uma manifestação desse fenômeno é a mobilidade acadêmica, pois através dela que muitos estudantes vão em busca de uma formação integrada, essa integração pode ser entendida como troca de conhecimentos entre estudante com realidades distintas, com o intuito de se tornarem profissionais mais bem preparados para enfrentar um mercado cada vez mais especializado.

A mobilidade acadêmica tradicionalmente pode ser classificada, segundo Kiley e Austin¹ (2008 apud RAUPP; SEIFRIZ, 2016, p. 286), em quatro tipos: a mudança para outro lugar após o término do ensino médio para realizar algum curso de graduação; mudança para outro lugar para realizar parte da graduação; mobilidade virtual (mobilidade realizada pelo uso da internet); e mudança para outro lugar para realizar a pós-graduação.

De acordo com a UNESCO existem mais de 100 milhões de estudantes de ensino superior atualmente no mundo. Destes 2,7 milhões estão matriculados fora de seus países e a previsão para o ano de 2020 é de aproximadamente 7 milhões de estudantes em mobilidade no exterior (UNESCO, 2009, p. vi, tradução nossa).

O papel da universidade quando se trata de ensino superior é a formação profissional e científica de seus alunos, seja ela de cunho público ou privado. Uma maneira que as universidades encontraram para oferecer uma formação

¹ KILEY, Margaret; AUSTIN, Andy. Australian postgraduate research students still prefer to 'stay at home': reasons and implications. **Journal of Higher Education Policy and Management**. Austrália, p. 351-362, nov. 2008. *Apud* Raupp e Seifriz, 2016.

diferenciada e que leve os seus alunos a novas experiências culturais e sociais é a internacionalização da formação, mais particularmente a mobilidade acadêmica para o exterior. A mobilidade acadêmica é oferecida semestralmente pelas universidades, através de editais referentes a convênios que as instituições possuem com as mais variadas instituições de ensino estrangeiras ou editais disponibilizados por programas de bolsa de estudos no exterior.

2.2 COMPORTAMENTO INFORMACIONAL

Diariamente nos vemos diante de muitos questionamentos, que podem ser de ordem pessoal, educacional ou profissional. Em resposta a eles, surge a necessidade de buscar informações, para que com os resultados recuperados possamos selecionar o que de fato vamos usar. Até efetivamente encontrarmos a informação que nos interessam, inúmeros fatores influenciam o comportamento informacional, vindos dos campos cognitivo, emocional e físico.

Uma das áreas estudadas na Ciência da Informação é o comportamento informacional, que tem como premissa identificar quais fatores causam a necessidade de informação, assim como as etapas que englobam o processo de busca e o uso da informação.

As necessidades de informação surgem dos fatores externos e internos a que somos expostos. Os fatores externos representam o ambiente em que o indivíduo pertence, já os fatores internos são as experiências, o conhecimento ou falta deste, bem como as habilidades presentes em cada indivíduo (CALVA GONZÁLEZ, 2004).

Para Chen e Hernon² (1982 *apud* CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015, p. 5), “[...] a necessidade de informação é uma construção abstrata utilizada para representar por que a pessoa busca, encontra e usa a informação”. O processo de busca e uso da informação é inerente ao comportamento informacional humano, que pode ser entendido como “[...] uma constante na vida das pessoas, visto que necessidades de informação fazem parte da vivência humana”. (IMMIG, 2007, p. 23).

² CHEN, C.; HERNON, M. P. **Information seeking: assessing and anticipating user needs**. New York: Neal-Schuman, 1982. *Apud* Cunha, Amaral e Dantas (2015).

Para Wilson³ (2000 *apud* Cunha; Amaral; Dantas, 2015), comportamento informacional pode ser compreendido como:

[...] a totalidade do comportamento humano em relação às fontes e canais de informação, incluindo a busca de informação ativa e passiva, além do uso da informação. Ou seja, inclui a comunicação face a face com os outros, como também a recepção passiva de informação como, por exemplo, assistir a anúncios de televisão, sem qualquer intenção de agir com a informação dada. (WILSON, 2000 *apud* CUNHA; AMARAL; DANTAS, 2015).

Observando a visão desses autores é possível perceber que o comportamento informacional não existe sem a concepção das necessidades informacionais. Pode-se dizer, ainda, que o comportamento informacional é um reflexo das necessidades mesmo que nem mesmo saibamos quais são elas. O comportamento só existirá se as necessidades forem percebidas e manifestadas.

Durante o comportamento informacional nos deparamos com algumas etapas, quais sejam: a busca, a seleção e o uso da informação. A busca da informação surge de uma necessidade que identificamos, podendo ser sentida tanto pelos sentimentos como pelos pensamentos:

Os estudos sobre o uso da informação reconhecem que as necessidades de informação são ao mesmo tempo emocionais e cognitivas, de modo que as reações emocionais quase sempre orientam a busca da informação, canalizando a atenção, revelando dúvidas e incertezas, indicando gostos e aversões, motivando o esforço. (CHOO, 2006, p. 89).

O autor afirma ainda que “O comportamento na busca da informação pode ser definido como a soma das atividades por meio das quais a informação se torna útil”. (CHOO, 2006, p. 93). Pode-se perceber que o comportamento de busca é influenciado pelo ambiente e as atitudes de indivíduos que pertencem a um mesmo grupo são assemelhadas. Taylor⁴ (1984 *apud* CHOO, 2006, p. 95) diz que “[...] cada ambiente de uso da informação tem um tipo diferente de problema, gerado por seu ambiente particular e pelas exigências de sua profissão, ocupação ou estilo de vida”.

³ WILSON, Thomas Daniel. **Recent trends in user studies:** action research and qualitative methods. Information Research, v. 5, n. 3, p. 1-36, April 2000. *Apud* Cunha, Amaral e Dantas (2015).

⁴ TAYLOR, R. S. Question-Negotiation and Information Seeking in Libraries, **College & Research Libraries**, may, 1968. *Apud* Choo, 2006.

Levando em conta que os sujeitos de pesquisa deste estudo são alunos de graduação em mobilidade acadêmica no exterior, deve-se observar que os problemas que estes estudantes irão enfrentar vão além dos educacionais, pois eles serão apresentados a novas culturas e costumes e é importante lembrar que toda mudança causa certa ansiedade.

Outro fator importante é a seleção, pela qual se faz a escolha dos materiais que serão utilizados, ou ainda as bases de dados, *sítes* entre outras fontes. O uso ocorre quando o indivíduo já buscou e selecionou a informação para então utilizá-la. É através do uso que o se pode suprir a necessidade de informação. Le Coadic (2004) diz que:

Usar a informação é trabalhar com a matéria informação para obter um efeito que satisfaça a uma necessidade de informação. Utilizar um produto de informação é empregar tal objeto para obter, igualmente, um efeito que satisfaça a uma necessidade de informação, que esse objeto subsista (fala-se então de utilização), modifique-se (uso) ou desapareça (consumo). (LE COADIC, 2004, p. 38).

Choo (2006, p. 107) corrobora com a afirmação de Le Coadic (2004) e diz que “O resultado do uso da informação é uma mudança no estado de conhecimento do indivíduo ou de sua capacidade de agir.” Tendo em vista que os sujeitos desta pesquisa enfrentaram os desafios de mudança de país, de cultura e de costumes, além das informações acadêmicas que iriam buscar para a realização de suas atividades educacionais, precisaram localizar e utilizar outras fontes de informação a fim de responder dúvidas cotidianas, tais como: por que naquele local se come tal alimento? Por que tal objeto tem aquele nome? Essas são dúvidas que também estão presentes na nossa vida cotidiana, mas que quando vamos para um ambiente novo e desconhecido ficam mais evidentes porque somos afetados por elas diretamente, nos vemos diante de situações desconhecidas. Sendo assim, utilizamos a informação “[...] para responder uma pergunta, resolver um problema, tomar uma decisão, negociar uma posição ou entender uma situação.” (CHOO, 2006, p. 107).

Uma maneira de facilitar a busca de informação é a utilização de fontes de informação adequadas a cada situação. Tendo conhecimento dessas fontes é possível buscar informações de forma direta para assim poder resolver os problemas

que surgirem e lidar com as situações trazidas. É importante lembrar que durante a sua formação o bibliotecário estuda as fontes de informação existentes, com isso este profissional é especialista nelas. Em contrapartida os usuários que buscam a informação muitas vezes não sabem nem por onde iniciar a busca.

Villaseñor Rodriguez (1998, p. 31) diz que fontes de informação são “[...] todos aqueles instrumentos e recursos que servem para satisfazer as necessidades informativas de qualquer pessoa [...]”. As fontes de informação são do tipo: pessoal, institucional e documental (arquivísticas, museológicas). Bonotto (2013) diz que “Pessoas ou grupos de pessoas que detêm determinados dados ou informações ou conhecimentos em decorrência de sua especialização ou pela vivência de fatos ocorridos [...]” são consideradas fontes de informação pessoais.

As fontes de informação pessoais são bastante necessárias quando se sai do seu país de origem. Normalmente estudantes em mobilidade acadêmica se instalam em residências universitárias, repúblicas e até mesmo em casas de famílias que abrem as portas para esses intercâmbios. Com isso, o contato com pessoas de países diferentes e com moradores locais passa a ser uma fonte bastante utilizada por esses indivíduos. As fontes pessoais também estão presentes no ambiente acadêmico em que os estudantes irão se inserir.

Outro tipo de fonte bastante utilizada pelos estudantes são as fontes institucionais. Essas fontes podem ser formais ou informais e são pensadas e desenvolvidas pelas organizações com o intuito de disponibilizar informações sobre elas, como aponta Villaseñor Rodriguez (1998, p. 33): “São aquelas fontes que proporcionam informação sobre uma instituição. Essa instituição se converte em objeto de interesse e é ela mesma quem proporciona a informação que se deseja”.

Já as fontes documentais são “[...] objetos que assumem a função de transmitir informação.” (CORDÓN GARCÍA, 1998, p. 20). Os editais de mobilidade acadêmica publicados pelas instituições de ensino são um exemplo de fonte documental, pois neles constam todas as informações necessárias aos interessados em participar das seleções realizadas semestralmente pelas universidades.

Com o avanço da comunicação as fontes de informação na internet são bastante buscadas. Tomaél, Alcará e Silva (2008) falam desse uso cada vez mais frequente das fontes de informação na internet:

Seus efeitos favorecem o desenvolvimento de um usuário da informação com maior autonomia na busca e na seleção de suas fontes. O uso das fontes na internet é favorecido pela facilidade de acesso e pelo acesso em tempo real, imediato, que faz com que o usuário da fonte ganhe tempo e obtenha uma resposta imediata à sua necessidade ou questão de informação. (TOMAÉL; ALCARÁ; SILVA, 2008, p. vii).

Percebe-se que a necessidade de informação para estes estudantes em mobilidade acadêmica será algo presente constantemente, principalmente nos primeiros meses, que é um período de adaptação. Portanto, se ao iniciarem o processo de busca de informações os estudantes utilizassem fontes adequadas para suprir às suas necessidades, a sensação de insegurança e incerteza pode ser amenizada.

Diante disso, para compreender os comportamentos de busca, seleção e uso da informação dos estudantes em mobilidade acadêmica, é necessário abordar alguns modelos existentes na literatura. Neste estudo serão apresentados os modelos propostos por autores que são referência na área da Ciência da Informação, tais como: o modelo de Wilson, o modelo de Ellis e o modelo de Kuhlthau.

O modelo de Kuhlthau será apresentado de maneira mais ampla, visto que este estudo teve como base alguns conceitos apresentados no modelo desenvolvido pela autora que aborda os sentimentos associados ao processo de busca e traz ainda o princípio da incerteza, que muitas vezes é responsável por gerar a ansiedade informacional, tema central deste trabalho.

2.3 MODELOS DE COMPORTAMENTO INFORMACIONAL

Sendo a informação o objeto de estudo da Ciência da informação, ao pesquisar o comportamento informacional buscamos compreender as necessidades, bem como a busca e o uso dessa informação. Choo (2006, p. 66) diz que “[...] informação e o *insight* nascem no coração e na mente dos indivíduos, e que a busca e o uso da informação são um processo dinâmico e socialmente desordenado que se desdobra em camadas de contingências cognitivas, emocionais e situacionais.”

O início do estudo do comportamento de busca e uso da informação foi em 1948, na Conferência sobre Informação Científica da Royal Society, onde foram

apresentados dois estudos. Um abordava o comportamento na busca da informação por cientistas britânicos e outro sobre o uso da biblioteca do Museu de Londres. (CHOO, 2006). Desde seu início até a atualidade os estudos acerca do comportamento de busca e uso da informação são fundamentais nas diferentes áreas do conhecimento. Através das informações coletadas são realizadas muitas melhorias, algumas inovações são percebidas, além de servirem como justificativa para a tomada de decisão.

Como já foi mencionado nesse estudo, existem algumas abordagens acerca do comportamento de busca e uso da informação. Thomas D. Wilson traz a perspectiva da abordagem centrada no usuário, para assim analisar as necessidades de informação e o comportamento de busca da informação. De acordo com Choo (2006, p. 81) “Wilson acredita que os indivíduos estão constantemente construindo seu mundo social a partir do mundo de aparência que os cerca.” O autor aponta também que as necessidades nascem dessas tentativas em dar sentido ao mundo. Com isso, ele propõe um modelo em que as necessidades de informação brotem do ambiente de trabalho, ou seja, dos papéis que o indivíduo exerce tanto na vida social quanto no ambiente profissional. Observa ainda que as necessidades pessoais podem ser psicológicas, emocionais ou cognitivas, e que essas necessidades são influenciadas pelo ambiente de trabalho.

Através dessa abordagem percebe-se uma preocupação em revelar fatos da vida cotidiana dos indivíduos pesquisados para entender as necessidades que levam ao comportamento de busca da informação. A partir da compreensão das necessidades de informação é possível entender qual o significado da informação no cotidiano de cada um e então desenvolver sistemas de informação mais eficientes.

David Ellis desenvolveu um modelo baseado em observações de um grupo de cientistas sociais. Para o autor, existia um vasto número de estudos realizados sobre os hábitos desse grupo de usuários, porém nenhum deles era focado na percepção que os próprios profissionais tinham acerca de suas atividades de busca da informação (GONZÁLEZ TERUEL, 2005). O modelo de Elis traz oito atividades realizadas no processo de busca: iniciar, encadear, vasculhar, diferenciar, monitorar, extrair, verificar e finalizar.

O início ou começo caracteriza-se por identificar fontes de interesse através de contato pessoal. Já o ato de encadear ocorre quando, através das fontes iniciais ou de referências, por exemplo, seguimos para novas fontes. A terceira

característica é vasculhar, ou seja, buscar a informação em áreas de possível interesse. A atividade de diferenciar é realizada quando selecionamos e filtramos informações em fontes já conhecidas. Quando monitoramos, estamos acompanhando uma determinada fonte de informação de forma pessoal ou através da difusão seletiva da informação (DSI). Ao extrair, identificamos e selecionamos matérias relevantes em uma fonte especializada. Por fim, verificamos para certificar a exatidão da informação e finalizamos quando terminamos um projeto ou preparamos o produto final (GONZÁLEZ TERUEL, 2005).

Com isso, se percebe que o modelo de Ellis não é composto por etapas ou processo e sim por características e estas não são apresentadas como estágios, mas como elementos de comportamento, sendo que estes podem acontecer em sequências distintas com indivíduos diferentes ou com o mesmo indivíduo em momentos diferentes. Já Kuhlthau traz um modelo mais geral do que o apresentado por Ellis, pois seu modelo leva em conta os pensamentos e os sentimentos no processo de construção do conhecimento, mostra ainda as ações e tarefas presentes nas etapas do processo de busca.

O modelo de Carol C. Kuhlthau, por sua vez, “[...] baseia-se no princípio de que a informação encontrada pode ser vista como um processo de construção onde os usuários progridem da incerteza para o conhecimento.” (GONZÁLEZ TERUEL, 2005, p. 112, tradução nossa). Esse processo de construção é formado por alguns estágios que serão apresentados mais adiante.

Kuhlthau desenvolveu um modelo de processo de busca conhecido por *Information Search Process* (ISP), que foi construído com a análise do processo de busca de informação de graduandos em final de curso, onde se pode perceber que o processo de busca ocorre através de ações, de pensamentos e sentimentos que acontecem durante os estágios do ISP (CRESPO; CAREGNATO, 2003). Esses estágios são divididos em seis, e são caracterizados em três campos de experiência: emocional (sentimentos), cognitivo (pensamentos) e o físico (ação), como mostra a ilustração abaixo trazida por González Teruel (2005, p. 113):

Quadro 1 – Modelo de *Information Search Process* de Kuhlthau

Etapas do ISP	Sentimentos	Pensamentos	Ações	Tarefas
Início	Incerteza	Visão geral do problema informacional a resolver.	Busca básica de informação.	Reconhecer
Seleção	Otimismo	Consideração de interesses pessoais e os requisitos do projeto.		Identificar
Exploração	Confusão Frustração Dúvida	Busca do possível foco do projeto.	Busca de informação abrangente.	Investigar
Formulação	Clareza	Busca da perspectiva final a ser dada ao projeto.		Formular
Coleta	Orientação	Aumento do interesse.	Busca pela informação precisa.	Escolher
Apresentação	Satisfação	Reconhecimento dos aspectos que foram objeto de busca.		Completar

Fonte: Kuhlthau (1993 *apud* GONZÁLEZ TERUEL, 2005, p. 113, tradução nossa).

É importante destacar que no modelo trazido por Kuhlthau⁵ (1991 *apud* CRESPO; CAREGNATO, 2003) os sentimentos como a incerteza, a apreensão e consequentemente a ansiedade acompanham os indivíduos durante o processo de busca, ou seja, durante a fase inicial, quando ainda os pesquisadores não estão cientes do que necessitam, estas características estão presentes de forma intrínseca. No decorrer do processo quando o usuário já vislumbra o que deseja, surge o sentimento de otimismo, porém essa sensação é alternada com momentos de confusão, questionamento e até mesmo frustração, que só são amenizados quando o usuário consegue delimitar qual o foco central de sua busca.

O modelo de processo de busca de Kuhlthau pode ser entendido como a atividade realizada pelo indivíduo para dar sentido a uma informação e para ampliar seu estado de conhecimento sobre um problema ou tópico específico (CRESPO;

⁵ KUHLETHAU, Carol C. Inside de Search Process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, DC, v. 42, n. 5, p. 361-371, 1991. *Apud* Crespo; Caregnato, 2003.

CAREGNATO, 2003). Nesse modelo é fundamental o princípio da incerteza, que é o estado cognitivo e a reação emocional que aumenta ou diminui à medida que o processo se desenvolve. Como Kuhlthau descreve:

A incerteza diante de uma falta de compreensão, de um vazio de significado, de uma construção limitada, inicia o processo de busca da informação. A incerteza é um estado cognitivo que costuma provocar sintomas emocionais de ansiedade e insegurança. A incerteza e a insegurança são comuns nos primeiros estágios do processo de busca da informação. Os sintomas emocionais de incerteza, confusão e frustração estão associados a pensamentos vagos, confusos, sobre um determinado tópico ou questão. Quando o estado de conhecimento muda e surgem pensamentos com um foco claro, uma mudança correspondente é percebida no crescimento da confiança. (KUHALTHAU⁶ *apud* CHOO, 2006, p. 91).

Na visão de Choo (2006) ao buscar informação queremos na verdade responder a essa incerteza e é através da pesquisa que buscamos dar significado e construir uma resposta à determinada questão. Essa resposta pode ser entendida como a formulação de uma ideia do que desejamos, para que dessa forma, percebamos em que área devemos concentrar a busca. Durante esse processo, vamos nos deparar com informações que já são do nosso conhecimento (redundantes), com as quais temos possibilidade de selecionar o que é importante ou não na pesquisa. Já com as informações novas (originais) que encontramos é possível ampliar o campo de pesquisa. Porém essas podem trazer um excesso de informação causando uma inquietação e uma ansiedade maior ao usuário.

Outra questão que deve ser analisada é o estado de espírito do usuário que pode levar a uma busca mais investigativa e exploratória ou ainda a algo mais indicativo que vise ações mais conclusivas, que podem ser sanadas com o uso de sistemas de informação computadorizados, pois estes trazem respostas mais rápidas e específicas. É importante observar que este estado de ânimo do pesquisador muda durante o processo, pois é comum iniciar uma busca mais investigativa e exploratória e diante do retorno, tornar esse processo mais indicativo.

Vale salientar que o processo de busca é algo pessoal: cada usuário cria sua estratégia e escolhe que informações e em quais fontes buscar. Isto está diretamente ligado ao interesse e a motivação de cada um, ou seja, quando o

⁶ KUHALTHAU, Carol C. A principle of uncertainty for information seeking, **Journal of Documentation**, v. 49, n. 4, p. 339–355. *Apud* Choo, 2006.

usuário sabe qual foco irá dar a sua pesquisa e já tem ideia clara do que quer pesquisar, está diminuindo o vazio cognitivo e a incerteza que inicialmente foram responsáveis por impulsionar o processo de busca. Também através dessa clareza maior sobre o que vai buscar e onde será realizada a busca, o nível de ansiedade diminui e a satisfação aumenta, fazendo com que o usuário aprofunde sua pesquisa.

2.4 ANSIEDADE INFORMACIONAL

A sobrecarga de informação ou o excesso de informação, termos bastante utilizados quando do surgimento da chamada era da informação, podem ser alguns dos fatores que levam à ansiedade de informação. Porém é importante observar que esse fenômeno é um reflexo do nosso estado emocional ao lidarmos com as tensões trazidas por um mundo que se transforma a cada momento, onde somos obrigados a enfrentar a ansiedade de uma maneira ou outra.

A ansiedade foi estudada principalmente pela área da psiquiatria e psicologia, mas devido a sua complexidade é alvo de estudo nas diversas áreas. Estudos realizados pela Organização Mundial de Saúde⁷ (OMS) apontam que 33% da população mundial sofre com a ansiedade, porém esse transtorno faz parte de nossas vidas desde a época primitiva, como aborda May (1980):

A nossa própria sobrevivência é o resultado de medidas tomadas há muito tempo para fazer frente à ansiedade. Originalmente, o homem primitivo, como disseram Freud e Adler, experimentava ansiedade como uma advertência da ameaça à sua vida pelos dentes de animais selvagens. A ansiedade desempenhou um papel destacado no desenvolvimento da capacidade de nossos antepassados para pensar e da habilidade para usar símbolos e ferramentas que ampliassem seu alcance protetor. (MAY, 1980, p.13).

Historicamente a ansiedade passou a ser percebida pela sociedade em meados dos anos 40 com o nascimento da bomba atômica, pois anteriormente esse problema era encoberto. Na psicologia, a ansiedade é vista como a característica mental mais saliente da civilização ocidental. Sigmund Freud destacou a ansiedade como o problema crucial das desordens emocionais e comportamentais (MAY, 1980).

⁷ Informações contidas no site Agenews. Disponível em: <<https://www.agemed.com.br/agenews/voce-sabe-o-que-e-agorafobia/>>.

A ansiedade, por ser estudada pelas diferentes áreas, apresenta conceitos diversos. Nesse estudo serão apresentados conceitos de autores da psicologia como Barlow⁸ (2002 *apud* CLARK; BECK 2012, p. 16-17) que define ansiedade como “[...] uma emoção orientada ao futuro, caracterizada por percepções de incontrolabilidade e imprevisibilidade sobre eventos potencialmente aversivos e um desvio rápido na atenção para o foco de eventos potencialmente perigosos ou para a própria resposta afetiva do indivíduo a esses eventos.”. Já para Bernik e Lopes (2011), “Ansiedade é um estado emocional direcionado ao futuro, com componentes psicológicos e fisiológicos, que fazem parte do espectro normal das experiências humanas.” Com essas definições podemos entender que a ansiedade é uma inquietação com o futuro, um sentimento de apreensão com aquilo que está por vir ou a sensação de incerteza de algo futuro.

De acordo com o site Psicobesidade (2011), a ansiedade, ânsia ou nervosismo é uma característica biológica do ser humano, que antecede momentos de perigo real ou imaginário, marcada por sensações corporais desagradáveis, tais como uma sensação de vazio no estômago, coração batendo rápido, medo intenso, aperto no tórax, transpiração etc.

Um fator importante que é necessário abordar neste estudo, tendo em vista que os sujeitos de pesquisa são alunos em mobilidade acadêmica no exterior, é que a cultura condiciona a ansiedade, diante disso May (1980, p.172) aponta que “A ansiedade de um indivíduo é condicionada pelo fato de que ele vive numa dada cultura, num ponto determinado do desenvolvimento histórico dessa cultura.” Com isso, além das questões acadêmicas que estes estudantes terão que enfrentar, serão também apresentados a uma cultura diferente da que foram criados, o que pode aumentar o nível de ansiedade.

Sabemos que a ansiedade é algo essencial à condição humana e é responsável pela nossa vitalidade, ou seja, diante de inúmeras vezes em que somos apresentados a algum desafio se não sentirmos alguma ansiedade, talvez não sejamos desafiados de maneira proveitosa. Ao mesmo tempo precisamos lidar com esse sentimento para que não afete nosso desempenho diante das nossas atividades acadêmicas.

⁸ Barlow, D. H. **Anxiety and its disorders**: the nature and treatment of anxiety and panic. 2. ed. New York: Guilford Press, 2002. *Apud* Clark; Beck, 2012.

Quando se trata de ansiedade de informação, Richard Saul Wurman⁹ é responsável por cunhar este termo e define tal fenômeno como sendo:

[...] o resultado da distância cada vez maior entre o que compreendemos e o que achamos que deveríamos compreender. É o buraco negro que existe entre dados e conhecimento, e ocorre quando a informação não nos diz o que queremos ou precisamos saber. (WURMAN, 1991, p. 38).

Quando desconhecemos algo surge certa vergonha por não saber e isso gera uma insegurança, como aponta o autor:

Vivemos com medo de que descubram nossa ignorância e passamos a vida tentando contar vantagem para o mundo. Se pudéssemos nos deleitar com nossa ignorância e usá-la como inspiração para aprender, em lugar de considerá-la uma vergonha a esconder, não haveria ansiedade de informação. (WURMAN, 1991, p. 61).

Diariamente nos vemos diante de uma quantidade incalculável de informação. Diante desse fenômeno, muitas vezes nos vemos inertes, sem saber por onde começar uma pesquisa. Com isso somos invadidos por sensações de insegurança, inquietação, surgem dúvidas diante do que achávamos já saber, isso pode nos levar a um estado de ansiedade, como é apontado por Wurman (1991, p. 223) que diz que “Um dos efeitos colaterais da era da informação que mais causam ansiedade é a sensação de que se deve saber tudo.”

Esse peso que colocamos em nós mesmos pode ser compreendido pelo fato de hoje termos acesso à informação na palma da mão. Em poucos segundos somos capazes de localizar qualquer informação em qualquer lugar do mundo. Porém, apesar dessa facilidade, não somos capazes de compreender tudo que chega aos nossos olhos, temos interesses próprios, formas diferentes de perceber e entender a informação.

⁹ Richard Saul Wurman é arquiteto, formado em 1959, e mestre em arquitetura pela Universidade de Pensilvânia em 1962. Professor nas Universidades de Princeton e da Califórnia, além de ter sido professor visitante na Universidade de Cambridge, Inglaterra e no Massachusetts Institute of Technology. Doutor honorário pela Universidade de Filadélfia e pelo Art Center College of Design de Pasadena, Califórnia e pelo Art Institute of Boston. Wurman foi nomeado ainda em 1994, como membro do Fórum Econômico Mundial de Davos, Suíça, além de ter sido incluído nos anos de 1997 e 1999 pela Revista Usipe na lista “Elite 100”, como uma das personalidades mais influentes dos Estados Unidos na área de tecnologia, finanças, comunicação e governo. Foi autor de centenas de livros, porém tornou-se best-seller com a obra *Ansiedade de Informação* (1989) e *Ansiedade de Informação 2* (2001), obras nas quais a expressão “arquitetura da informação” tornou-se popular.

Com isso é importante reconhecer que não somos capazes de assimilar tudo. Wurman (1991, p. 223) complementa a afirmação anterior dizendo que “Perceber as próprias limitações torna-se essencial para sobreviver a uma avalanche de informação; você não pode nem deve absorver ou mesmo dar atenção a tudo.” Diante disso, quando percebermos as nossas limitações saberemos descansar, dar uma pausa entre uma pesquisa e outra, para não estimular em demasia os impulsos cognitivos, dessa forma poderemos administrar os sintomas e as sensações de incerteza geradas pela ansiedade informacional, como aponta Wurman:

A ansiedade de informação resulta da superestimulação constante, quando não nos é dado tempo ou oportunidade de fazer transições de uma ideia para outra. Ninguém funciona bem se ficar sem fôlego o tempo todo. O aprendizado e o interesse requerem intervalos de pausa para refletir antes de avançar para a ideia seguinte. (WURMAN, 2005, p. 250).

Quando percebemos nossas limitações e quando sabemos verdadeiramente o que nos interessa, conseguimos controlar ou pelo menos administrar essas sensações trazidas pela ansiedade. Com isso evitamos o desgaste cognitivo e até mesmo físico e conseguimos assimilar de forma mais concreta as informações que buscamos para assim construirmos novos conhecimentos.

Alves, Bezerra e Sampaio (2015) apontam que:

A ansiedade de informação é o resultado de tudo que achamos que deveríamos saber se confundindo constantemente com aquilo que realmente deveríamos apreender. Por isso, a compreensão, nessa era da informação, é a chave primordial para a seleção e o entendimento diante da avalanche de informação que estão disponíveis. (ALVES; BEZERRA; SAMPAIO, 2015, p. 130).

Nesse sentido nós enquanto bibliotecários podemos até lançar mão das leis de Ranganathan para simplificar a vida dos pesquisadores ou usuários da informação e assim evitar ou diminuir situações que levem esses indivíduos à ansiedade de informação. Ranganathan (FIGUEIREDO, 1992) instituiu cinco leis fundamentais para a biblioteconomia:

- a) primeira lei: livros são para o uso;
- b) segunda lei: a cada leitor seu livro;

- c) terceira lei: a cada livro seu leitor;
- d) quarta lei: economize o tempo do leitor;
- e) quinta lei: uma biblioteca é um organismo em crescimento.

As leis de Ranganathan foram enunciadas em 1931, mas permanecem atuais se considerarmos livro no seu sentido mais amplo de informação registrada. Ao aplicarmos a primeira lei para realizar uma pesquisa, temos a consciência de que as informações contidas nos livros, em base de dados, por exemplo, são primordiais para a realização de um estudo e devem ser usadas. Porém, ao buscarmos informações, podemos perceber através da segunda lei que cada indivíduo precisa de uma informação específica. Já a terceira lei nos mostra que cada informação é voltada para um determinado indivíduo.

Quando temos essa percepção, a quarta lei está sendo utilizada sem percebermos, pois fazendo uso das leis já citadas, estaremos poupando o tempo do pesquisador ou usuário da informação. Sempre tendo em mente que a geração do conhecimento é algo que cresce a todo o momento, sendo um organismo em crescimento.

Com essa percepção mesmo diante da era da informação e desse excesso de materiais informacionais com que nos deparamos diariamente, podemos evitar a perda de tempo, quando usamos informações de nosso interesse, além de diminuir a incerteza diante das informações recuperadas, o que faz com que a ansiedade informacional diminua.

A ansiedade de informação está relacionada com alguns termos como obesidade informacional, que pode ser entendida como uma consequência da explosão da informação, que é quando se consome informação em excesso, e não se sabe como utilizá-la. E com o termo bulimia informacional, que também pode ser entendida como uma causa da explosão informacional, visto que a informação recuperada é vasta, porém é pouco explorada e não se reserva um tempo para digerir o conteúdo a fim de internalizá-lo.

Na Ciência da Informação, nos deparamos nas últimas décadas com estudos sobre a ansiedade de informação graças à expansão informacional. Esse fenômeno tem afetado os estudantes, como aponta o estudo realizado por Oliveira (2011, p. 8) sobre ansiedade informacional com alunos da pós-graduação da UFRGS, onde foi percebido que “A ansiedade informacional constatada nestes estudantes tem efeitos

expressivos na concentração, produtividade e memorização almejada por eles.” Outros estudos que abordam esse tema já foram realizados, como o artigo recentemente publicado pela revista Biblionline *Ansiedade de informação e normose: as síndromes da sociedade da informação*, escrito por Ermeson Nathan Pereira Alves, Sarah Freire Bezerra e Débora Adriano Sampaio, todos da Universidade Federal do Cariri (UFCA) no Estado do Ceará.

Este estudo tem o intuito de estudar a ansiedade de informação em alunos em mobilidade acadêmica no exterior, através da análise do comportamento informacional dos sujeitos. Como foi abordado anteriormente, através das buscas realizadas percebeu-se que a ansiedade informacional já foi estudada pela Ciência da Informação. Porém, este estudo pretende estudar um grupo de estudantes que não terão apenas a barreira acadêmica pela frente, mas a mudança de país, diante de uma cultura e de costumes diferentes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste item são apresentados os métodos utilizados para a realização deste estudo. A seguir estão descritos a natureza, a abordagem e o objetivo da pesquisa, os sujeitos do estudo e os procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados.

3.1 NATUREZA, ABORDAGEM E OBJETIVO DO ESTUDO

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza básica, pois tem o intuito de investigar o comportamento informacional de estudantes em mobilidade acadêmica no exterior e os efeitos da ansiedade informacional. Segundo Matias-Pereira (2012, p. 87), a pesquisa de natureza básica “[...] tem como propósito gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.”

A abordagem deste estudo é a de métodos mistos, ou seja, foram coletados dados qualitativos e quantitativos. Quando se trata da abordagem de métodos mistos, o pesquisador acredita que a investigação realizada usando diversos tipos de dados proporciona um entendimento mais claro do problema de pesquisa. O autor entende que se deve começar fazendo um levantamento amplo para generalizar os resultados para uma população, na sequência a investigação se concentra em entrevistas qualitativas a fim de coletar informações detalhadas dos participantes (CRESWELL, 2010).

A escolha dessa abordagem se justifica, visto que os sujeitos de pesquisa são alunos em mobilidade acadêmica no exterior e foi necessário utilizar-se de um instrumento que permitisse identificar e conhecer melhor esses sujeitos. Essa abordagem é indicada quando os métodos quantitativos ou qualitativos não respondem de forma fidedigna o problema de pesquisa de maneira individual. Nesse sentido, Creswell (2010) diz que:

Um projeto de métodos mistos é útil quando a abordagem quantitativa ou qualitativa em si é inadequada para um bom entendimento de um problema de pesquisa, ou quando os potenciais da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa (sic) não conseguem proporcionar o melhor entendimento. (CRESWELL, 2010, p. 44).

Com a utilização desse tipo de abordagem é possível primeiramente fazer uma sondagem para identificar os indivíduos em grande escala e em seguida é possível selecionar uma amostra desses indivíduos que serão estudados, diante disso Creswell (2010) complementa sobre esse método:

Como alternativa, os pesquisadores podem primeiro levantar um grande número de indivíduos e depois acompanhar alguns participantes com o intuito de obter sua linguagem e suas expressões específicas sobre o tópico. Nessas situações, mostra-se vantajoso coletar tanto dados quantitativos fechados quanto dados qualitativos abertos. (CRESWELL, 2010, p. 44).

Nesse sentido, o método quantitativo, que se caracteriza “[...] pelo emprego da qualificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas” (RICHARDSON, 2010, p. 70), serve de aporte ao método qualitativo, pois com a utilização de técnicas de pesquisa quantitativas é possível delimitar o problema de pesquisa e também com as informações coletas será possível identificar ou até mesmo classificar os sujeitos de pesquisa.

A utilização de dados quantitativos foi de grande valor ao estudo, já que permitiu traçar o perfil dos estudantes em mobilidade acadêmica no exterior e identificar, por exemplo, quais os países mais procurados para realizar a mobilidade acadêmica por esse grupo. Dessa forma, o método quantitativo foi utilizado como apoio ao método qualitativo.

Os métodos de coleta de dados qualitativos foram utilizados para coletar a opinião de cada estudante de maneira individualizada e, assim, responder ao problema de pesquisa deste trabalho. Na visão de Denzin e Lincoln (2006, p.17), quanto à pesquisa qualitativa, entende-se que é “[...] uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”:

A pesquisa qualitativa começa com pressupostos e o uso de estruturas interpretativo / teóricas que informam o estudo dos problemas da pesquisa, abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. Para estudar esse problema, os pesquisadores qualitativos usam uma abordagem qualitativa da investigação, a coleta de dados em um contexto natural sensível às pessoas e aos lugares em estudo e a análise dos dados que é tanto indutiva quanto dedutiva e estabelece padrões ou temas.

O relatório final ou a apresentação incluem as vozes dos participantes, a reflexão do pesquisador, uma descrição complexa e interpretação do problema e a sua contribuição para a literatura ou um chamado à mudança. (CRESWELL, 2014, p. 49).

Já Goldenberg (2007, p.34) diz que a pesquisa qualitativa “[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” É importante frisar que esta pesquisa não tem por objetivo a generalização dos dados, visto que sua abordagem predominante é qualitativa.

Nesse sentido, Richardson (2010, p. 79) diz que “A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social.”

Com a união da natureza básica e a abordagem de métodos mistos, com a combinação de dados qualitativos e quantitativos no estudo, foi possível se aproximar e compreender a realidade pesquisada, trazida pelos sujeitos de forma individualizada, sendo possível ainda apresentar escalas numéricas que deram mais objetividade ao estudo.

Quando se trata dos objetivos, a pesquisa pode ser de cunho exploratório, descritivo ou explicativo. De acordo com Gil (2010, p. 27), a pesquisa exploratória “[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” A ideia de Gil pode ser complementada pela visão de Severino (2007, p. 123) que diz que a “[...] busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto.”

Quando aos objetivos da pesquisa é importante discorrer também sobre a pesquisa descritiva. De acordo com Gil (2010, p. 28) “As pesquisas deste tipo tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” O autor ainda aponta que esse tipo de pesquisa “[...] têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.” Diante destas abordagens, é possível apontar que este estudo é classificado quanto a seus objetivos como exploratório e descritivo. A literatura aponta que os dois tipos são apropriados para o estudo de campo.

3.2 ESTUDO DE CAMPO

Para a realização desse estudo verificou-se que o melhor procedimento metodológico é o estudo de campo, pois se pretende entender o comportamento de um grupo determinado, diante da ansiedade informacional. O estudo de campo apresenta certa familiaridade com os levantamentos. De acordo com Gil (2002) eles se distinguem devido a dois aspectos:

Primeiramente, os levantamentos procuram ser representativos de um universo definido e fornecer resultados caracterizados pela precisão estatística. Já os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. (GIL, 2002, p. 52).

Gil (2002) aponta que o estudo de campo é mais flexível, dessa forma pode ser realizado mesmo que os objetivos não estejam totalmente finalizados:

Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo de pesquisa. Outra distinção é a de que no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. (GIL, 2002, p. 52).

Gil (2002) complementa dizendo:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. (GIL, 2002, p. 53).

O estudo de campo por ser um método mais flexível se enquadrou perfeitamente neste trabalho, pois primeiramente não foi possível visualizar algo pré-definido em relação aos sujeitos de pesquisa. Porém para realização desse trabalho foi importante ter um plano inicial mais genérico que auxiliasse na exploração preliminar, que validassem os objetivos trazidos por essa pesquisa e suas limitações. Como aponta Gil (2002):

A especificação dos objetivos, a seleção dos informantes e as estratégias para coleta de dados costumam ser definidas somente após exploração preliminar da situação. Por tal razão, os estudos de campo na maioria das vezes iniciam-se com plano bem geral, que leva em consideração muito mais os objetivos da pesquisa e as limitações materiais do que propriamente a definição de procedimentos. (GIL, 2002, p. 129-130).

Diante disso nas próximas seções serão apresentados os sujeitos do estudo, o instrumento de coleta de dados utilizado, bem como informações sobre a coleta e a análise dos dados e as limitações deste estudo.

3.3 SUJEITOS DO ESTUDO

Os sujeitos escolhidos para a realização deste estudo foram graduandos de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública e de uma privada do Estado do Rio Grande do Sul (RS) em mobilidade acadêmica no exterior dos diversos cursos oferecidos por estas instituições. Estes sujeitos foram identificados através das listas de selecionados para realização da mobilidade acadêmica para o exterior dos editais de 2016/2 publicados no site das instituições escolhidas para o estudo. Foram identificados 30 alunos selecionados pelas IES, para realização da mobilidade acadêmica no exterior, sendo 12 (doze) alunos da IES pública e 18 (dezoito) alunos da IES privada. Ao encontrar e confirmar que as informações eram do aluno selecionado para a mobilidade acadêmica, foi enviado mensagem explicativa através de uma rede social sobre a pesquisa, juntamente com o *link* do questionário *online* (Apêndice B).

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Pelo fato de ser um procedimento mais flexível, o estudo de campo permite utilizar mais de uma técnica de coleta de dados. Para este estudo, se percebeu a necessidade de aplicar um questionário, que teve como objetivo coletar dados sobre os sujeitos de pesquisa. Sendo o questionário uma técnica de coleta de dados no campo, foi necessário observar qual modelo desse instrumento seria mais eficaz para chegar ao objetivo do estudo. Vale lembrar que este estudo é classificado como

de abordagem mista, ou seja, foram utilizados dados quantitativos e qualitativos. Com isso, se usou do questionário para atender à demanda desse estudo.

Vergara (2012) diz que questionário assim como os demais instrumentos de coleta de dados no campo tem como intuito aproximar o pesquisador de seu objeto de estudo. O autor complementa dizendo que:

Questionário é um método de coletar dados no campo, de interagir com o campo composto por uma série ordenada de questões a respeito de variáveis e situações que o pesquisador deseja investigar. Tais questões são apresentadas a um respondente, por escrito, para que ele responda também dessa forma, independentemente de ser a apresentação e a resposta em papel ou em um computador. A escolha do meio é sempre do pesquisador. (VERGARA, 2012, p. 39).

Percebeu-se, assim, a necessidade da utilização do questionário nessa pesquisa, pois através das respostas às perguntas apresentadas aos indivíduos seria possível entender a opinião deles em relação a fatores importantes para esse estudo, como as situações vivenciadas e seus sentimentos. Como aponta Gerhardt et al. (2009), o questionário:

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado. (GERHARDT et al., 2009, p. 69).

Essa ideia é confirmada por Gil (2010), que define questionário como:

[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2010, p. 121).

Embasada em Gil (2010) ainda quanto ao uso do questionário é importante ter em mente que ele serve para traduzir os objetivos da pesquisa em forma de questões e com as respostas é possível perceber as características da população

estudada ou até mesmo verificar através de testes se o procedimento escolhido será eficaz ao estudo proposto.

Com isso, o questionário foi composto por questões que trouxeram, através da análise das respostas dos indivíduos, a percepção de fatores ou características relacionadas com a ansiedade de informação e o comportamento informacional dos participantes. O questionário foi aplicado de forma eletrônica. A grande vantagem desse formato é que através de uma lista de correio eletrônico é possível enviar o instrumento para todos os participantes, o que diminui o tempo reservado para esta tarefa e ao mesmo tempo se pode chegar a um grande número de respondentes, independente de onde eles estejam. Outro fator que justifica o uso dessa ferramenta *online*, é que não é necessária a presença do pesquisador no momento da coleta de dados (VERGARA, 2012). O autor aponta que os questionários podem ser classificados de três maneiras, abertos, fechados ou mistos, outros autores como Gil (2010) definem como questões abertas, fechadas ou dependentes.

Na visão de Gil (2010), questões abertas são aquelas em que os respondentes oferecem as suas próprias respostas, o que acarreta ampla liberdade a eles. A desvantagem é que nem sempre as respostas são relevantes e sua tabulação não é simples, causando certa dificuldade. Já nas questões fechadas é oferecido aos respondentes apenas uma alternativa apresentada geralmente em lista. Esse tipo de questão oferece maior uniformidade às respostas, além ser de mais fácil tabulação. Como desvantagem podem não incluir todas as alternativas relevantes ao estudo. As questões chamadas de dependentes são aquelas que não servem para todos os respondentes, pois só fazem sentido para alguns, como por exemplo: você utiliza a biblioteca? Se sim com qual frequência e se não passe para a próxima questão. Para este estudo será utilizado um questionário misto, com perguntas abertas e fechadas e em algumas questões ocorrerá dependência entre elas.

As questões foram construídas com base na literatura apresentada no referencial teórico desse estudo. A estrutura geral do questionário é composta por 24 questões no total, divididas em questões abertas, fechadas (objetivas e de múltipla escolha), sendo que em alguns casos há dependência entre elas. É importante destacar que a questão de número 18 do questionário foi baseada no trabalho de Wurman (1991) e a questão de número 20 foi construída a partir do estudo de Oliveira (2011).

3.5 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada através de um questionário em versão eletrônica desenvolvido na plataforma Google Docs, que é *software* gratuito bastante utilizado em pesquisas acadêmicas (APÊNDICE A). Esse questionário foi enviado aos graduandos identificados nos editais através de mensagem explicativa juntamente com o *link* do instrumento, por meio de uma rede social. Foram contatados 23 (vinte e três) graduandos no total, sendo 10 (dez) alunos da IES pública e 13 (treze) alunos da IES privada. Responderam ao questionário 15 graduandos no total, sendo 6 (seis) alunos da IES pública e 9 (nove) alunos da IES privada.

O questionário foi respondido no período de 05 (cinco) a 25 (vinte e cinco) de abril. Conforme os sujeitos respondiam ao questionário, foi elaborada uma planilha no *software* Excel com as respostas dos participantes a fim de melhor visualizar e comparar os dados.

Foi feito ainda um questionário piloto com um estudante da UFRGS que havia realizado mobilidade acadêmica no exterior. Como este aluno mudou-se para outro país ao concluir essa atividade, foi aplicado o questionário piloto com ele, pois de alguma maneira este aluno continuava em um período de conhecimento e adaptação do local escolhido para morar. Este estudo piloto teve o intuito de perceber se o instrumento escolhido para a realização da pesquisa fazia sentido para quem estava em condições similares aos sujeitos de pesquisa escolhidos para o estudo.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

Existem várias maneiras de analisar os dados. Quando se trata de métodos mistos a análise de dados deve ser realizada tanto de modo quantitativo como qualitativo. A análise dos dados quantitativos foi realizada através da tabulação dos dados e posterior apresentação dos resultados em forma de tabelas e gráficos. Para a análise dos dados qualitativos foram utilizadas as técnicas de codificação e categorização:

A codificação e a categorização são formas de analisar que podem ser aplicadas a todos os tipos de dados e não se concentram em um método específico de coleta. Essa não é a única maneira de analisar dados, mas é a mais destacada quando os dados resultam de entrevistas, de grupos focais ou de observações. (FLICK, 2009, p. 132).

Após a aplicação dos questionários foi realizada a categorização do conteúdo abordado, ou seja, conforme as respostas dos sujeitos, as informações foram separadas por categorias, dessa forma tornou-se mais fácil visualizar as diferenças ou semelhanças das respostas apresentadas. Através da análise e interpretação dos dados foi possível chegar a considerações diante do problema de pesquisa.

3.7 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Os sujeitos de pesquisa foram selecionados pelos editais disponíveis nos *sites* das IES e nestes não constava o curso em que os alunos estão matriculados. Diante disso, a grande limitação que pode ser apontada nesta pesquisa é que não foi possível abranger alunos de áreas variadas do conhecimento. Outra limitação é que os resultados não podem ser generalizados, pois a amostragem não foi representativa do grupo que fazem mobilidade acadêmica no exterior.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

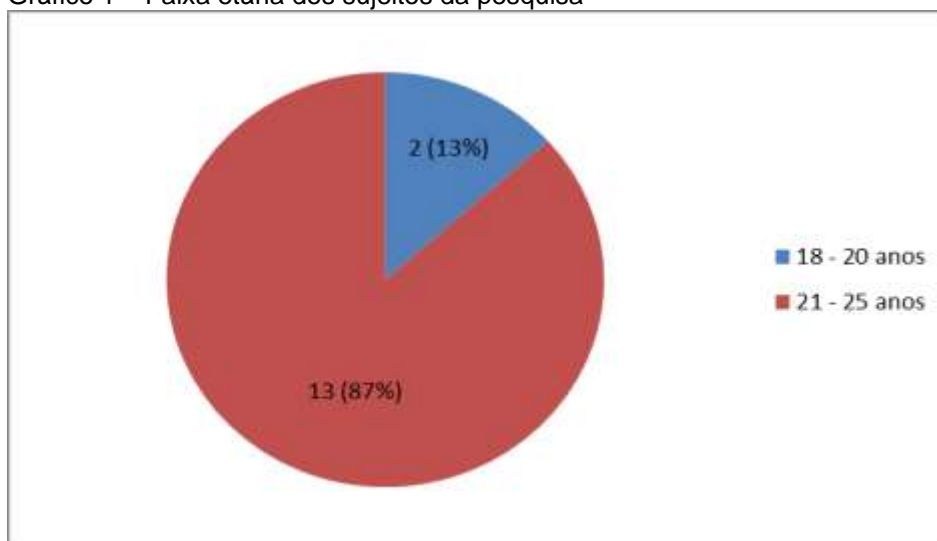
A análise de dados teve o intuito de verificar como o excesso de informação pode afetar o comportamento informacional dos sujeitos da pesquisa e se isso pode gerar alguma manifestação da ansiedade de informação. Primeiramente será traçado um perfil dos sujeitos da pesquisa, para em seguida apresentar a análise das questões relativas ao comportamento informacional, ao excesso de informação e a ansiedade informacional.

4.1 PERFIL DOS GRADUANDOS EM MOBILIDADE ACADÊMICA

Um dos objetivos dessa pesquisa foi traçar o perfil dos graduandos em mobilidade acadêmica no exterior, como faixa etária, sexo, instituição de origem, curso, país escolhido para realizar a mobilidade acadêmica e instituição em que a mobilidade acadêmica está sendo feita.

Observa-se que dos 15 graduandos em mobilidade acadêmica no exterior participantes dessa pesquisa, 13 (86,3%) tem idade entre 21 e 25 anos, sendo que 2 (13,3%) tem idade entre 18 e 20 anos. Com isso é possível verificar que os estudantes de graduação que optam por realizar parte da formação em outro país são bastante jovens, conforme aponta o Gráfico 1 abaixo:

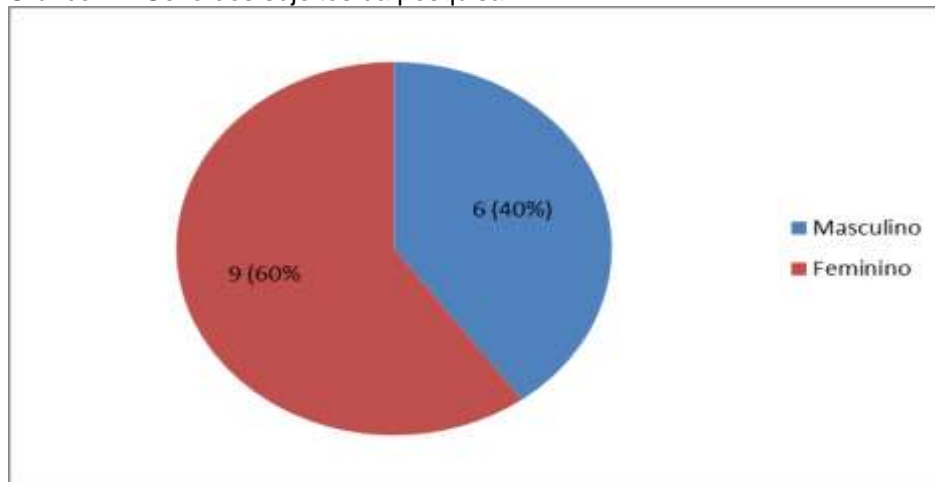
Gráfico 1 – Faixa etária dos sujeitos da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 15 participantes da pesquisa, 9 (60%) são do sexo feminino e 6 (40%) são do sexo masculino, como mostra o Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2 – Sexo dos sujeitos da pesquisa

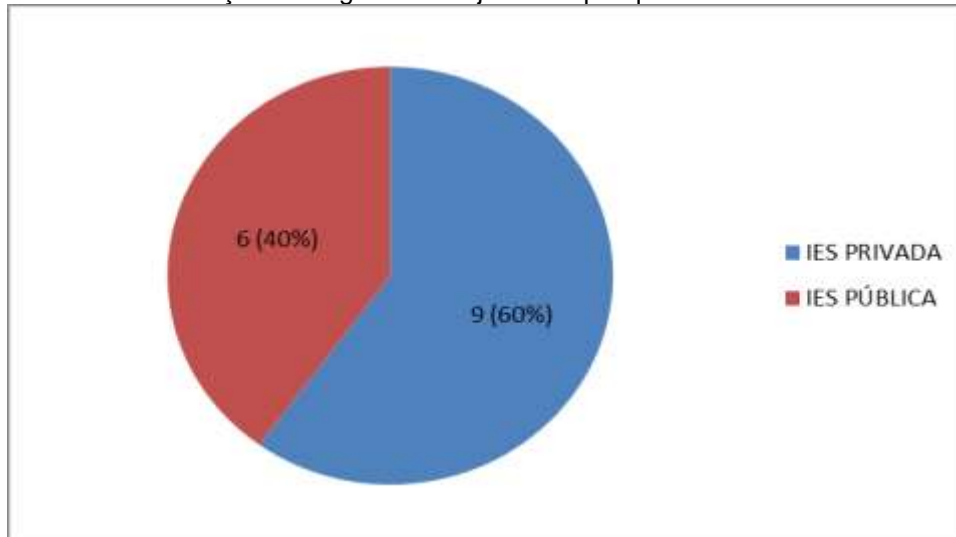


Fonte: Dados da pesquisa.

Tanto a idade quanto o sexo dos sujeitos da pesquisa devem ser levadas em conta quando se realiza um estudo sobre comportamento de busca, Wilson (1996) defende que variáveis demográficas como idade, sexo e outros fatores influenciam no comportamento informacional.

Quando se trata da instituição de ensino de origem dos graduandos em mobilidade acadêmica no exterior, nota-se que a maioria dos participantes é proveniente da IES Privada, o que equivale a 60% dos respondentes da pesquisa, como mostra o Gráfico 3:

Gráfico 3 – Instituição de origem dos sujeitos da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa.

Os sujeitos dessa pesquisa são graduandos dos cursos de Música, Teatro, Ciências Sociais, Direito, Engenharia Química, Produção Audiovisual e Psicologia. O curso que tem mais alunos em mobilidade acadêmica é o de Direito, com 9 (60%) graduandos, o que equivale a 60% dos participantes. São citados também na pesquisa outros 6 cursos, todos com 1 graduando participante, como pode ser visto na Tabela 1, abaixo:

Tabela 1 – Cursos dos sujeitos da pesquisa

Que curso você faz?	Nº de alunos	
Direito	9	60%
Ciências Sociais	1	6,6%
Engenharia Química	1	6,6%
Música	1	6,6%
Produção Audiovisual	1	6,6%
Psicologia	1	6,6%
Teatro	1	6,6%
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 15 participantes da pesquisa, 7 (46,6%) estão realizando a mobilidade acadêmica em Portugal, 3 (20%) na Espanha, 2 (13,3%) no Canadá e os demais países que aparecem na pesquisa são Alemanha, México e Suécia, com 1 participante cada, como pode-se perceber na Tabela 2:

Tabela 2 – Países escolhidos para realizar a mobilidade acadêmica

Em qual país você está realizando a mobilidade acadêmica?	Nº de graduandos em mobilidade acadêmica no exterior	
Portugal	7	46,6%
Espanha	3	20%
Canadá	2	13,3
Alemanha	1	6,6%
México	1	6,6%
Suécia	1	6,6%
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

No estudo realizado por Bett (2012), intitulado *Jovens universitários e intercâmbio acadêmico*, Portugal foi apontado como o país preferido para a

realização dessa modalidade de ensino acadêmico por 32% dos sujeitos da pesquisa, seguido pela Espanha (24%), pelos Estados Unidos (16%), Argentina (12%), Alemanha, França, Suíça e Macau com 4% cada.

Como foi dito anteriormente, Portugal é o país com mais graduandos participantes da pesquisa. Observa-se que a Universidade de Lisboa é a mais citada pelos participantes, com 5 (33,3%) alunos, seguida pela Universidade do Porto, com 2 (13,3%) alunos. As demais universidades aparecem apenas uma vez, conforme a Tabela 3:

Tabela 3 – Instituição escolhida para realizar a mobilidade acadêmica

Em qual instituição de ensino você está fazendo a mobilidade acadêmica?	Nº de alunos	
Universidade de Lisboa (Portugal)	5	33,3%
Universidade do Porto (Portugal)	2	13,3%
Concordia University of Edmonton (Canadá)	1	6,6%
Kwantlen Polytechnic University (Canadá)	1	6,6%
Tübingen Universität (Alemanha)	1	6,6%
Universidad Autónoma de Madrid (Espanha)	1	6,6%
Universidad de Jaén (Espanha)	1	6,6%
Universidad de Valladolid (Espanha)	1	6,6%
Universidad Nacional Autónoma de México (México)	1	6,6%
Uppsala University (Suécia)	1	6,6%
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

É importante salientar também que dos 15 participantes da pesquisa, apenas 4 contam com bolsa de estudos, todas oferecidas anualmente pelo Convênio entre as universidades com o Banco Santander¹⁰, através dos diversos programas de bolsas oferecidas pela instituição. Dos 4 graduandos bolsistas, 3 participam do Programa Bolsa Santander Ibero-americanas, sendo que 2 estão na Espanha e um no México. Nesse programa é possível realizar estudos de no mínimo 6 meses e os países participantes são: Portugal, Espanha, Porto Rico, Uruguai, Brasil, México, Argentina, Chile, Colômbia, e Peru. Já o outro bolsista participa do Programa Santander CEAL UAM, que é um convênio entre e o Centro de Estudos Latino-

¹⁰ Informações fornecidas pelo *site* do Banco Santander. Disponível em: <<http://www.becas-santander.com/>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

Americanos (CEAL) a Universidade Autônoma de Madri (UAM) que oferece bolsas por 6 meses na UAM, na Espanha (SANTANDER UNIVERSIDADES, 2017).

Os sujeitos foram questionados sobre as motivações que os levaram a realizar a mobilidade acadêmica no exterior. Para isso puderam escolher mais de um fator que motivou essa escolha. Diante disso, a maioria relatou que foi em busca de desenvolvimento pessoal ou profissional (100%). A troca de conhecimentos e experiências, bem como a busca por autoconhecimento (amadurecimento) foram apontados por 93,3% dos sujeitos. Já o interesse em conhecer novas culturas foi mencionado por 10 (66,7%) respondentes. Os motivos que foram indicados por menos de 10 sujeitos foram a busca por formação integrada (46,7%) e outros (26,7%), conforme Tabela 4:

Tabela 4 – Motivos apontados pelos sujeitos da pesquisa para realizar a mobilidade acadêmica no exterior

Motivos para realizar a mobilidade acadêmica no exterior	Números de alunos	
Desenvolvimento pessoal ou profissional	15	100%
Troca de conhecimentos e experiências	14	93,3%
Buscar autoconhecimento (amadurecimento)	14	93,3%
Conhecer uma nova cultura	13	86,7%
Busca por uma formação integrada	10	66,7%
Aprender ou praticar um novo idioma	7	46,7%
Outros	4	26,7%
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Em seu estudo sobre mobilidade acadêmica, Lima et al. (2009, p.6) apontam alguns aspectos que motivam a realização dessa atividade acadêmica no exterior, essas motivações podem ser de ordem sociocultural, acadêmica, econômico-comercial e político-administrativo. Os motivos socioculturais trazidos por esses autores, que se assemelham as apontados pelos sujeitos desta pesquisa, vão desde a “[...] língua oficial do país, a proximidade geográfica e cultural entre o país de origem e de destino, assim como ligações históricas pré-existentes” até a “Qualidade de vida e atratividade cultural existente no país de destino: estabilidade política, segurança pública, aspectos climáticos, diversidade de ecossistemas, atividades culturais e turísticas etc.” (LIMA et al. 2009, p.6).

Para Bett (2012), as motivações que levam os universitários a realizarem a mobilidade acadêmica no exterior podem ser divididas em 3 grupos:

- a) motivações acadêmicas (aprimoramento de conhecimentos específicos e idiomas, realizar contatos acadêmicos, obtenção de certificado, entre outros);
- b) motivações relacionadas ao crescimento pessoal (ampliação da visão de mundo, conhecimento de novas culturas, fazer amigos de outras nacionalidades, entre outros);
- c) motivações relacionadas ao lazer (viajar e conhecer lugares novos, divertir-se).

Dos 15 participantes da pesquisa, 7 estão realizando mobilidade acadêmica em países com língua diferente da sua origem. É importante lembrar que o questionário é formado por questões abertas e fechadas, com isso a alternativa outros fatores foi escolhida por 3 sujeitos que apontam motivações pessoais de ordem sociocultural, como realizar viagens, participar de eventos comemorativos e fuga da violência no Brasil. Apenas um sujeito indicou um motivo que tem relação com formação acadêmica: G6: *“Oportunidade de estudar xxxxx em nível de graduação, o que não é possível na xxxxx, e acredito que também no resto do Brasil”*. Esse motivo é apontado como um aspecto acadêmico por Lima et al. (2009, p.6): “Limitações na oferta de programas e cursos no sistema de educação do país de origem.”

Em suma o perfil da maioria dos sujeitos desta pesquisa é de jovens entre 21 e 25 anos, do sexo feminino, provenientes de IES privada, alunos do curso de Direito, que escolheram Portugal para realização da mobilidade acadêmica, que buscam experiências relacionadas com o conhecimento de novas culturas e o desenvolvimento pessoal e profissional.

4.2 BUSCA, SELEÇÃO E USO DA INFORMAÇÃO PELOS GRADUANDOS EM MOBILIDADE ACADÊMICA

Os graduandos foram questionados sobre onde buscam informações, sejam elas acadêmicas ou cotidianas, quanto tempo utilizam na busca, se utilizam tudo que encontram, como escolhem o que usar e, ainda, sobre as dificuldades ao realizar a busca, se sentem desconforto diante dessa atividade e se a mudança de país interfere na maneira de fazer suas pesquisas.

Quando se trata da busca pela informação, os sujeitos da pesquisa em sua maioria buscam informações na internet (100%), com os amigos (73,3%) e nos sites de redes sociais (60,3%). Observa-se que a biblioteca é pouco usada por esses estudantes, sendo lembrada por apenas 26,7% dos participantes. Os sujeitos declaram ainda buscar informações em outras fontes, como a consulta aos professores, às instituições públicas e aos colegas, conforme pode ser vista na Tabela 5:

Tabela 5 – Como é realizada a busca por informações no país em que está realizando a mobilidade acadêmica

Quando você precisa de informações em suas atividades cotidianas e acadêmicas no país em que está atualmente, onde você procura?	Números de alunos	
Internet (Google, sites especializados)	15	100%
Amigos	11	73,3%
Redes Sociais (Facebook, Twitter, Whatsapp)	9	60,3%
Centro de apoio ao estudante da universidade	5	33,3%
Biblioteca	4	26,7%
Outras fontes	3	20,0%
Instituição de origem	1	6,7%
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa

A grande busca de informações na internet também foi mencionada em estudo anterior que aborda a busca e o uso da informação por estudantes dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia, de uma universidade pública do sul do Brasil, realizado por Miranda e Alcará (2016). Nesse estudo, verificou-se que “Ainda sobre a busca de informação 76,1% dos estudantes alegaram sempre utilizar a internet para satisfazer suas necessidades informacionais.” Os sites de busca são utilizados frequentemente e sempre por 88% dos participantes da pesquisa. (MIRANDA; ALCARÁ, 2016, p. 104).

A baixa procura pela biblioteca também foi apontada pelo estudo citado anteriormente: “[...] os participantes que mais utilizam a biblioteca perfazem menos da metade da amostra (aproximadamente 39%), indicando uma frequência baixa da biblioteca universitária.” (MIRANDA; ALCARÁ, 2016, p. 103). Quando se trata da pouca procura pela internet, é importante lembrar que talvez os sujeitos da pesquisa utilizem fontes eletrônicas oferecidas pela biblioteca, porém ao responderem a esse questionamento pensam na biblioteca como algo físico.

Esses dados apontados pela pesquisa refletem a perspectiva apontada por Tomaél, Alcará e Silva (2016, p.176) sobre as mudanças trazidas pela evolução tecnológica na *Web*. A autora diz que “As fontes de informação tradicionais, tais como livros, periódicos, bases de dados bibliográficas e de texto completo tem seu espaço consolidado e seus usuários constantes [...]”. Isso pode ser percebido quando esses sujeitos apontam buscar informações na biblioteca, mesmo que a porcentagem seja pequena diante das demais.

A busca de informação na internet e nos sites de redes sociais foi lembrada por grande parte dos sujeitos da pesquisa (60,3%) e também é abordada por Tomaél, Alcará e Silva:

O usuário da informação, de modo geral, tem diversificado as fontes de busca, utilizando especialmente as fontes às quais o acesso é facilitado e está no âmbito de suas rotinas diárias. Com esse entendimento, as mídias sociais passaram a ser consideradas fontes de informação, sobretudo para os nativos digitais, que as utilizam no dia a dia. (TOMAÉL; ALCARÁ; SILVA, 2016, p.176).

É importante lembrar que os sujeitos da pesquisa têm idade entre 18 e 25 anos, ou seja, uma geração que cresceu em meio à evolução digital, em que o acesso à informação diária é facilitada principalmente pelas tecnologias de internet móvel, com isso é plenamente justificável que estes graduandos façam uso dessas fontes. O uso dos recursos eletrônicos e dos sites de redes sociais por alunos de graduação já foi também apontado por outros estudos, como pode ser observado no artigo *Social media as information source: undergraduates' use and evaluation behavior* de autoria de Kyung-Sun Kim, EunYoung Yoo-Lee e Sei-Ching Joanna Sin (2011). Nessa publicação, elas relatam que “[...] os pesquisadores prestam atenção às mudanças nas fontes de informação e seu uso na era digital”. Apontam ainda que “[...] as mídias sociais estão ficando mais populares entre todas as gerações de usuários, incluindo alunos de graduação.”.

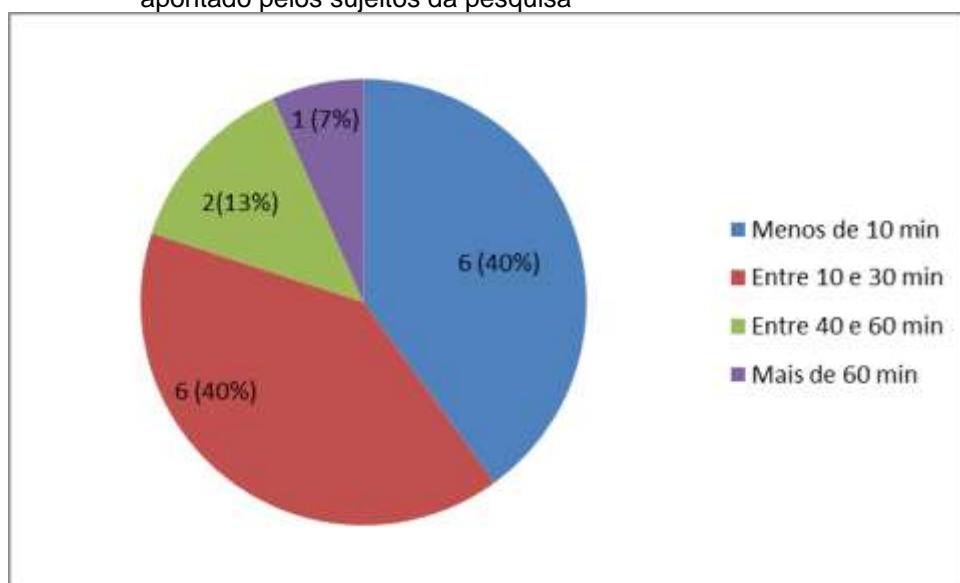
Outro resultado importante no presente estudo é que 73,3% dos sujeitos da pesquisa indicam buscar informações com amigos. Como esses graduandos estão em mobilidade acadêmica no exterior, essas informações podem ser trocadas entre eles através das redes sociais. Tomaél, Alcará e Silva (2016), utilizando-se dos estudos de Bauman para refletir sobre as ligações humanas, acreditam que “Essas ligações proliferam vultuosamente pelas mídias sociais em que um indivíduo se

orgulha de manter um grande número de amigos em plataformas de redes sociais [...]” (TOMAÉL; ALCARÁ; SILVA, 2016, p. 181).

Outras fontes foram citadas por 3 sujeitos (20%), que declaram procurar informações em fontes pessoais, ou seja, com professores, nas instituições públicas e também com os colegas (Tabela 5).

O uso da internet e das mídias sociais, além da consulta aos amigos para buscar informação, se reflete na resposta dos sujeitos relativa ao tempo médio utilizado para realizar suas buscas: 6 graduandos (40%) declararam usar por menos de 10 minutos; o mesmo número de alunos diz usar entre 10 e 30 minutos. Apenas dois participantes dizem precisar entre 40 e 60 minutos em média e apenas um declara precisar mais de 60 minutos, como pode ser visto no Gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4 – Tempo médio utilizado no processo de busca de informação apontado pelos sujeitos da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa.

Com o acesso à informação facilitado pelo uso das tecnologias, é compreensível que estes sujeitos utilizem pouco tempo. Outro fator que pode justificar esse pouco tempo utilizado é que estes sujeitos foram questionados sobre busca para atividades acadêmicas e cotidianas. Na busca por informações cotidianas particularmente, como o endereço de um restaurante ou de um ponto turístico, de fato poucos minutos podem ser suficientes.

A fim de compreender como os graduandos selecionam a informação, estes foram questionados se utilizam toda a informação que encontram. Dos 15 participantes, 9 (60%) dizem utilizar tudo que encontram, já 6 participantes (40%)

declaram não utilizar todas as informações. O fato da maioria dos sujeitos utilizar todas as informações encontradas pode ser justificado pela pouca idade dos participantes e pouca experiência em pesquisa. Porém percebe-se que alguns já se preocupam em seguir alguns critérios de avaliação própria, como a utilidade, a usabilidade e a qualidade da informação.

Os estudantes que declararam não utilizar todas as informações, puderam dizer como selecionam o que irão utilizar. As respostas são diversas e através delas pode-se perceber que cada graduando usa um critério de avaliação próprio para realizar a seleção da informação, como poderá ser percebido nas respostas a seguir:

O sujeito G2, preza pela confiabilidade da informação: *“Fontes confiáveis. Bibliografia, por exemplo, quase nunca uso de fonte da internet.”*

De fato é preciso ter cuidado com a confiabilidade da fonte de informação, quando o sujeito declara utilizar bibliografia por ser uma fonte confiável é importante mencionar que todo o curso de graduação possui sua bibliografia, que é uma fonte secundária de informação e que “Contêm informações sobre documentos primários e são arranjados segundo um plano definitivo; são, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles” (CUNHA, 2001, p. ix).

Essa resposta do sujeito também pode ter relação com as referências trazidas nos livros, sendo que em boa parte dessas publicações é utilizado o termo bibliografia ou referências bibliográficas. De toda forma, é uma maneira de buscar informações confiáveis a fim de responder as suas necessidades informacionais.

Já o sujeito G5, declara que sua escolha é pela utilidade da informação: *“Escolho as que são úteis para o que preciso, de maneira que descarto as demais. Como por exemplo, descobrir um endereço, ou maneiras mais rápidas econômicas de chegar a algum lugar.”*

O sujeito G6, comenta que leva em consideração o que é apresentado e indicado pelo professor em sala de aula:

Tento ser crítico em relação a fonte, geralmente observando se condizem com o que é apresentado em aula pelos professores. Os professores também costumam dar uma certa orientação sobre os materiais que são considerados boas referências e os materiais que possuem informações mais datada. (G6).

O sujeito G15, observa o tempo que tem disponível e suas capacidades, além de atentar para a questão da autoridade da informação que é um critério utilizado para avaliar a qualidade da informação como pode ser observado abaixo:

Vejo a qualidade da informação e também informações sobre o autor. Além disso, vejo minhas possibilidades de tempo e capacidade. Por exemplo, com o tempo e as capacidades que tenho, tento ver qual é o material de estudo mais adequado para a matéria. (G15).

Através dos relatos dos sujeitos é possível verificar que os alunos já na graduação têm preocupação com as fontes de informação que utilizam e para avaliar essas fontes utilizam critérios como a autoridade, a utilidade da informação, a relação com a matéria apresentada em aula, além de suas possibilidades de conhecimento e tempo. Contudo, por meio dessas respostas é perceptível a preocupação com a confiabilidade e qualidade da informação selecionada. Esse fato é abordado por Tomaél, Alcará e Silva (2008) principalmente quando se trata de informações disponibilizadas na internet:

A qualidade de informações disponíveis na internet diariamente, a facilidade para disponibilizar essas informações e a velocidade com que elas podem se modificar são fatores que exigem, cada vez mais, a adoção de algum tipo de critério para avaliar a qualidade da informação no momento de selecioná-la. A preocupação com a qualidade deve ser uma constante no dia-a-dia de quem lida com a informação, principalmente, no caso da informação que subsidia pesquisas e atividades profissionais. (TOMAÉL; ALCARÁ; SILVA, 2008, p.3).

Esse comportamento apresentado pelos sujeitos da pesquisa também já foi percebido pelas autoras Kim, Yoo-Lee e Sin:

Será importante entender como os alunos de graduação, em particular, avaliam e usam fontes não bibliográficas, como as mídias sociais, uma vez que os pesquisadores relatam consistentemente que esses alunos preferem recursos eletrônicos, especialmente recursos abertos da Web, mesmo para suas atribuições acadêmicas; e que eles tendem a aplicar critérios diferentes da qualidade (por exemplo, acessibilidade) ao selecionar fontes de informação. (KIM; YOO-LEE; SIN, 2011, p. 1, tradução nossa).

Com isso, é importante saber que mesmo com essa facilidade e rapidez em acessar a informação, estes alunos já utilizam critérios para usar materiais de credibilidade e confiabilidade em suas atividades acadêmicas.

Os graduandos também foram questionados a respeito das dificuldades que normalmente acontecem quando buscam por informações acadêmicas e cotidianas. Diante desse questionamento, dos 15 participantes da pesquisa, apenas 5 (33,3%) declaram não ter dificuldades, já 10 (66,7%) participantes afirmam encontrar dificuldades durante a busca de informação. No estudo realizado por Miranda e Alcará (2016, p. 106), também foi abordada a dificuldade durante o processo de busca: 57,8% dos estudantes declararam encontrar dificuldades às vezes, 25% raramente, 9,4% frequentemente e 1,6% afirmar nunca encontrar dificuldade na busca.

As dificuldades apontadas pelos sujeitos do presente estudo estão relacionadas à acessibilidade aos materiais, à língua, em relação às fontes de informação e seu funcionamento, a confiabilidade dessas fontes e até mesmo sobre o uso das informações encontradas, como apontam os sujeitos abaixo:

Sujeito G1: “Não encontro muita acessibilidade a materiais acadêmicos.” Sujeito G8: “Fontes não confiáveis, ou duvidosas. As informações podem ser falsas, ou imprecisas.” Sujeito G11: “Dificuldade de explicação de funcionamento e de prática.”

Sinto dificuldade para escolher a informação mais adequada. Existem as dúvidas: será que estou usando o melhor material? Escolhi certo? Mas, para as atividades cotidianas, geralmente, a seleção é mais fácil, porém, nas acadêmicas, as dificuldades parecem maiores. (G15).

De fato essas dificuldades apresentadas pelos sujeitos da pesquisa são pontos importantes a serem considerados. Lopez (2004) atenta para a qualidade da informação diante do crescente volume de informação disponibilizada na internet:

[...] a qualidade da informação é um dos mais importantes aspectos a serem considerados, devido ao volume exponencialmente crescente de informações veiculadas na Internet, sendo que, para os consumidores, os conteúdos das páginas institucionais ou de quaisquer documentos que são disponibilizados necessitam de filtros para minimizar o excesso de informação tornada disponível. (LOPEZ, 2004, p.82).

As dificuldades apontadas pelos sujeitos podem ser justificadas pelo fato de a maioria ter declarado realizar as buscas através da internet. Muitas vezes a acessibilidade em relação a fontes *online* como as bases de dados, bibliotecas digitais é de difícil entendimento. Isso pode fazer com que o usuário encontre dificuldade em entender o funcionamento delas e até mesmo se está usando a fonte mais adequada para sua pesquisa.

Além das dificuldades em relação à busca por informações, os graduandos participantes da pesquisa também foram questionados sobre quais as fontes de informação que lhes causam mais desconforto, como pode ser visto na Tabela 6.

A biblioteca é a mais citada pelos participantes, seguida pela internet, redes sociais e centro de apoio aos estudantes. São lembradas ainda a instituição de origem dos sujeitos, outras fontes e os amigos. Vale lembrar que os sujeitos que apontaram outras fontes, precisavam citar quais fontes, porém apenas responderam nenhuma.

Se levarmos em consideração a questão anterior sobre dificuldade diante das fontes de informação, o desconforto em relação à internet é um reflexo dessa dificuldade. Assim como foi apontado anteriormente, tanto a dificuldade quanto o desconforto em relação às fontes de informação pode ser devido à quantidade de informação e à dificuldade de selecionar materiais de qualidade, como aponta Oteló (2006):

Com o acúmulo exponencial da quantidade de informações disponíveis no último século e com o desenvolvimento espetacular dos processos técnicos de registro e de acesso a essas informações, passamos a viver um problema que se tornou fundamental, qual seja, o de selecionar no imenso estoque de informações atualmente existente, aquelas que têm qualidade. (OTELÓ, 2006, p. 58).

Tabela 6 – Desconforto dos sujeitos da pesquisa em relação às fontes de informação

Em relação a que tipo de fonte de busca você se sente mais desconfortável?	Números de alunos	
Biblioteca	6	40%
Internet	5	33,3%
Redes Sociais (Facebook, Twitter, Whatsapp)	3	20%
Centro de apoio ao estudante da universidade	3	20%
Instituição de origem	2	13,3%
Outras fontes	2	13,3%
Amigos	1	6,7%
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

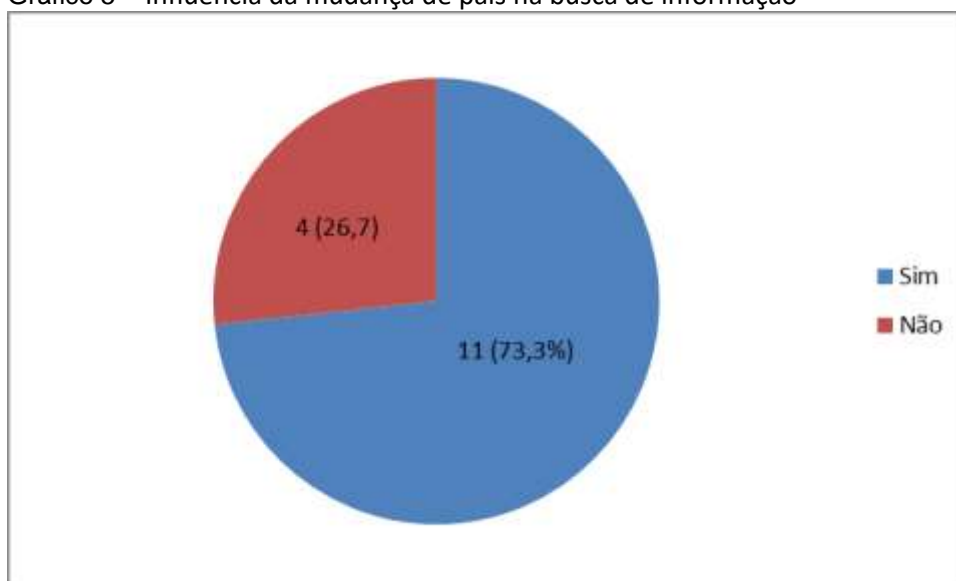
Um fator importante que se pode observar nessa questão é que a biblioteca aparece de forma negativa na pesquisa. Como anteriormente já havia sido percebido que essa fonte é uma das menos utilizadas por esses estudantes, sugere-se que o pouco uso da biblioteca pode ser devido ao desconforto que os graduandos participantes têm em relação a esse ambiente.

Outros estudos de comportamento informacional já apontaram esse desconforto em relação à biblioteca. Casarin e Oliveira (2012), em seu estudo sobre *o Uso da informação no âmbito acadêmico: o comportamento informacional de pós-graduandos da área de educação* observa que fatores ambientais como a falta de tempo e sensação de desconforto durante a permanência na biblioteca, devido a suas características, influenciam no comportamento de busca desses usuários. Wilson e Walsh (1996) já traziam a ideia que as variáveis ambientais podem interferir no processo de busca.

Outra questão que foi levada aos sujeitos é sobre a mudança de país, e se isso pode influenciar no comportamento de busca, devido aos novos costumes e cultura. Nessa mesma questão foi perguntado aos participantes o porquê isso interfere ou não na opinião deles.

A maioria dos sujeitos acredita que a mudança de país interfere na maneira em que buscam a informação, conforme mostra o Gráfico 5 abaixo:

Gráfico 5 – Influência da mudança de país na busca de informação



Fonte: Dados da pesquisa.

Os sujeitos que acreditam que a mudança de país interfere no comportamento de busca justificam sua resposta de diferentes maneiras. O sujeito G1 diz que esta mudança é devido a estar *“longe da zona de conforto”*. Já o sujeito G4 justifica sua resposta pelo fato de *“enxergar o mundo de outra forma”*. O idioma também é apontado como um fator que influencia o comportamento de busca, como pode ser percebido nas respostas destacadas abaixo:

Sujeito G5: “Principalmente porque é em outro idioma que as informações que você buscar vão chegar até você. E isso já é uma mudança enorme.” Sujeito G8: “Se pode buscar informações qualificadas na língua desse outro país, ou seja, ampliar as possibilidades de fontes de informação.”

É importante mencionar que o comportamento de colegas de universidade serve como exemplo aos demais estudantes e isso também influencia a maneira pela qual se busca a informação, como pode ser percebido na manifestação do sujeito abaixo destacada:

Não sei exemplificar exatamente o motivo, pois estou há dois meses na Espanha, mas acredito que ver meus colegas sempre com uma grande quantidade de livros e sempre indo na biblioteca me inspira a fazer mais isso, o que no Brasil não era tão comum. (G6).

Outras questões culturais também são apontadas pelos sujeitos da pesquisa, como fatores que influenciam no seu comportamento de busca. Esses fatores são relacionados com o trato que os moradores locais têm em relação aos sujeitos da pesquisa, mas também acerca das regras locais sobre a divulgação da informação, como pode ser percebido nas respostas abaixo:

Sujeito G13: “Porque a forma de tratamento entre os sujeitos se altera com a cultura. Por exemplo, em Portugal a formalidade é maior e as pessoas são menos dispostas a te prestar informações pessoalmente.” Sujeito G14: “Alguns sites são bloqueados, a maneira que a informação é exposta é diferente, as vezes não há tanto conteúdo.”

Em relação ao bloqueio de informações referidas pelo sujeito G14, Portugal possui uma lei de acesso à informação, que regula o acesso à informação administrativa e ambiental e de reutilização dos documentos administrativos. (Lei n.º

26/2016)¹¹. Esse bloqueio pode ser devido a alguma norma da própria instituição em que este sujeito está realizando a mobilidade acadêmica.

Já aqueles que acreditam que a mudança de país não altera o comportamento de busca dizem que isso acontece devido à globalização proporcionada pela internet, que faz se sentirem confortáveis independente do país em que se encontram.

Porém, percebe-se através das respostas dos sujeitos que acreditam que a mudança de país influencia no comportamento de busca que essa globalização trazida pela internet não é algo que responde de maneira integral às necessidades que surgem quando se vai para um lugar que possui cultura e costumes diferentes dos sujeitos da pesquisa.

Diante de todos os apontamentos feitos anteriormente, o pensamento de Wilson¹² resume parte do comportamento informacional dos sujeitos da pesquisa:

O comportamento informacional pode ser definido como a totalidade do comportamento em relação a fontes e canais de informação, incluindo a busca passiva e ativa e o uso de informação. Uma nova perspectiva para o usuário da informação deveria partir da crença de que a quantidade de informação que se recebe não é função do número de páginas lidas, por exemplo, mas dos processos mentais de entendimento e integração de dados na estrutura pessoal de conhecimento; o que coloca em pauta a perspectiva cognitiva do usuário. Além disso, existem ambientes sociais e organizacionais que envolvem o usuário e que afetam a motivação individual, os usos da informação e seus fluxos. Um modelo de estudo de usuário deve começar com um modelo da organização em que ele trabalha e com o entendimento de como isso afeta o comportamento individual de busca de informação. Deve-se levar em conta a estrutura, as tarefas, a tecnologia e as pessoas em uma constante interrelação, em que a mudança de um fator altera os outros (WILSON, 2000 apud MIRANDA, 2007, p. 102).

Fazendo um apanhado geral quando se trata da busca de informação, a maioria dos sujeitos faz uso da internet, dos sites de redes sociais, além de consultar os amigos. O tempo médio para realizar a busca por informações é entre 10 e 30min, a maioria declara utilizar todas as informações que encontram, porém já

¹¹ Informação do *site* do Diário da República Eletrônico. Disponível em: <https://dre.pt/home/-/dre/75177807/details/maximized?p_auth=VLJzFY4y>. Acesso em: 8 jun. 2017.

¹² WILSON, T. D. Recent trends in user studies research and qualitative methods. **Information Research**, v. 5, n. 3, Mar. 2000. Apud Miranda, 2007.

se percebe que estes alunos se preocupam em avaliar essas informações a fim de usar itens de qualidade.

As dificuldades apontadas pelos sujeitos ao realizar a busca por informação têm relação com a acessibilidade e confiabilidade das fontes encontradas. A maioria dos sujeitos declara ter desconforto em relação à biblioteca, além de acreditarem que a mudança de país influencia na maneira de pesquisar.

4.3 EXCESSO DE INFORMAÇÃO NOS GRADUANDOS EM MOBILIDADE ACADÊMICA NO EXTERIOR

A fim de compreender se o excesso de informação interfere na satisfação quanto à busca e ao uso da informação, os sujeitos foram questionados sobre o volume de informação disponibilizado na internet e se isso prejudica ou auxilia na tomada de decisão em suas atividades sejam estas cotidianas ou acadêmicas.

A maioria dos sujeitos (80%) acredita que o volume de informação é um auxílio na tomada de decisão. Através das respostas, nota-se que esses sujeitos acreditam que esse volume de informação é positivo pelo fato de se ter um primeiro contato com aquilo que se busca, ou seja, servir como uma pesquisa de reconhecimento sobre o assunto que se necessita, como pode ser percebido nas respostas dos sujeitos abaixo:

Sujeito G2: “Permite meis (sic) opções e ao mesmo tempo indica o que é melhor para cada perfil ou para o que estou disposta a fazer.”
Sujeito G10: “Pois me dão mais informações, com isso, verifico o que é melhor pra mim.”

Alguns sujeitos acreditam que esse volume de informação diminua a dificuldade, tornando o processo de busca mais fácil. O sujeito G5 acredita que o grande volume de informação em alguns momentos auxilia e em outros prejudica:

Para esta questão gostaria de responder que oras auxilia, oras prejudica. O ponto chave para mim é estabelecer um filtro e parâmetros de como buscas informações e também do que realmente é relevante para tomar as decisões que preciso. (G5).

Esse volume grande de informação é importante também nos casos em que as fontes de informação especializadas são poucas, como relata o sujeito abaixo:

No caso da musicologia, em especial, auxilia, pois geralmente são poucas as fontes, e quando temos mais opções acabamos saindo no lucro. Um diferencial no caso da mobilidade é a oportunidade de ter acesso a uma maior gama de literatura, que no Brasil é muito escassa. (G6).

Analizando as respostas, é possível perceber que alguns sujeitos sentem-se confrontáveis ao lidar com o volume de informação e que realizam uma seleção para saber o que de fato necessitam para a tomada de decisão, além de se preocuparem em utilizar fontes confiáveis, como se observa no relato do sujeito abaixo:

Existem duas etapas: a de seleção da informação conforme objetivos e interesses em cada situação; em seguida, a sistematização da informação encontrada para a tomada de decisões. O volume de informação ajuda, mas se esta informação vier de fontes confiáveis, reconhecidas, e passar por um processo de análise (subjetivo) de sua relevância para cada momento. (G8).

O grande volume de informação disponibilizada na internet é um auxílio para estes sujeitos, pois eles acreditam que o número de possibilidades é ampliado. Porém, eles também apontam que é preciso saber selecionar o que se necessita para cada momento e avaliar as fontes encontradas a fim de utilizar um material de qualidade.

Diante disso, é importante saber que uma informação pode ser útil em um dado momento e ser dispensada em outra situação. A informação e sua qualidade têm relação com seu uso, para quem se precisa daquela informação, quem precisa dessa informação. Tomaél, Alcará e Silva apontam que:

A qualidade de uma informação ou de uma fonte de informação está diretamente relacionada ao seu uso, ou seja, ao usuário que dela necessita. Para que uma fonte seja de qualidade, deve atender a propósitos específicos de uma comunidade de usuários e isso requer avaliação. (TOMAÉL; ALCARÁ; SILVA, 2008, p.6).

Dos sujeitos que responderam à pesquisa, 20% acreditam que a grande quantidade de informação disponibilizado na internet prejudica. Para estes, é difícil escolher entre as várias opções disponíveis. Esse é um fator que tem relação com o sentimento de insegurança, pois além de ser necessário tempo para fazer a seleção da informação é preciso se certificar que essa fonte é confiável e útil para responder ao que se necessita. Outro motivo levantado é sobre o acesso à informação e a

diferente maneira que os países disponibilizam essa informação, além do cuidado com a qualidade da informação, como se pode notar nas respostas destacadas abaixo:

Sujeito G13: *“Pois dispende muito tempo e gera um sentimento de insegurança sobre a veracidade e utilidade das informações.”* Sujeito G15:

Acredito que prejudica, pois, com a enorme quantidade de informações, acabo me dispersando, demorando para tomar uma decisão. Existem muitas informações e acabo tendo dificuldades para escolher a informação. Também me disperso com maior facilidade. Porém, uma quantidade maior de informações também pode me auxiliar no estudo. Por exemplo, no Brasil, como temos uma população grande, temos muito material disponível. Em Portugal, com uma população menor, a quantidade de informações me parece menor. Com menos opções, pode ser mais difícil encontrar a informação que nos interessa. Todavia, quantidade não quer dizer qualidade. É importante termos acesso à informações de qualidade. (G15).

Percebe-se que a preocupação dos sujeitos que acreditam que o excesso de informação prejudica é em ter acesso a fontes confiáveis e mesmo assim ter certeza que irão utilizar em suas atividades informações de credibilidade. Tomaél (et al. 2004) aponta como um dos critérios para a avaliação da qualidade das fontes de informação na internet exatamente a confiabilidade da informação, em que se deve levar em conta a autoridade e a responsabilidade dos produtores de informação.

Segundo Bawden¹³ (2001 apud TERRA; BAX, 2003), a sobrecarga informacional é um estado no qual a informação disponível e potencialmente útil torna-se um obstáculo (ou atraso) ao invés de uma ajuda.

Choo (2006), em seu estudo sobre a *Organização do conhecimento II: como equilibrar tensões e administrar a informação*, traz alguns princípios para o processo de administração da informação relacionado à seleção e ao uso da informação nas organizações, que pode ser usado para refletir sobre o excesso de informação disponibilizado na internet:

A seleção e o uso das fontes para aquisição de informação precisam ser planejados e continuamente monitorados e avaliados como qualquer outro recurso vital da organização. A variedade da informação deve ser administrada de modo que as informações

¹³ BAWDEN, David. Information Overload. **Library & Information Briefings**, London, n. 92, jan. 2001. Apud TERRA; BAX, 2003.

coletadas reflitam a complexidade do ambiente, sem sobrecarregar os usuários com o excesso de informação. (CHOO, 2006, p. 419).

Esses cuidados que as organizações têm em relação às fontes de informação, aqueles que se utilizam delas também precisam ter, a fim de não se sobrecarregarem com o excesso de informação disponível particularmente na internet. Além do mais “A sobrecarga de informação contínua e crescente, aliada ao descrédito quanto à qualidade e aos processos que a avaliam, desqualificam a informação a que se tem acesso.” (TOMAÉL, ALCARÁ e SILVA, 2008, p. 6).

Bawden¹⁴ (2001 apud TERRA; BAX, 2003) aponta que “O excesso de informação está associado à perda de controle sobre a informação e à incapacidade em usar efetivamente a informação. Como resultado tem-se trabalho ineficiente e eventualmente até risco para a saúde.”

O fato apontado por Bawden também foi investigado nesta pesquisa, tentando entender como os sujeitos se relacionam com esse volume de informação. Os participantes foram questionados se o excesso de informação afeta a sua memória, concentração e rendimento. Dos 15 respondentes, 10 (66,7%) mais uma vez a maioria dos sujeitos - declaram que o excesso de informação com que se deparam durante a busca na internet interfere no rendimento, pois a concentração e memória são afetadas por isso. Apenas 5 respondentes (33,3%) não acreditam que esses fatores são causados pelo excesso de informação.

Os participantes abaixo destacados, que responderam de maneira positiva a questão anterior, creditam o efeito negativo em seu rendimento, concentração e memória ao número de coisas a fazer e a pensar, relacionadas com a grande quantidade de informação existente na internet, pois esse excesso de informação faz com que não haja foco. Alguns sujeitos declaram pensar em muitas coisas ao mesmo tempo e esse fator é a causa da distração apresentada por eles. Outro motivo apontado pelos sujeitos é que o volume de informação acumulado torna difícil a organização do conteúdo a ser recapitulado, como pode ser percebido nos relatos dos sujeitos abaixo destacados:

Sujeito G2: *“Muita coisa ao mesmo tempo, faz com que tentemos dar atenção a tudo sem conseguir focar em algo específico.”* Sujeito G4: *“Porque você tem tanta coisa pra se preocupar que sua concentração muda também, como vai lidar com*

¹⁴ Ibid.

tudo isso a tempo.” Sujeito G5: “Principalmente por perder tempo com informações que não são úteis a minha vida, atrasando outras tarefas que seriam mais importantes.” Sujeito G8: “Mais informações, mais dados para reflexão, mais tempo de memorização, mais possibilidades analíticas, maior dependência de conteúdos externos.” Sujeito G9: “Porque não há um foco.” Sujeito G10: “Penso em muita coisa ao mesmo tempo.” Sujeito G11: “A memória porque são muitas coisas para lembrar; a concentração porque durante as aulas fico pensando em outras coisas; rendimento porque canso antes de finalizar todas as programações.” Sujeito G12: “Distração.” Sujeito G14: “É difícil sintetizar quando tem muita informação, parece que não acaba nunca. Pode ficar mais difícil de organizar os estudos.”

Saber (2006, p. 212), em seu estudo, já apontava que a rotina sobrecarregada acarreta “[...] falha na memorização, na concentração e queda na produtividade.” Outro estudo que aborda questões de memória, concentração e produtividade é de Franganitto¹⁵ (2010, apud OLIVEIRA, 2011, p. 40), que também aponta “[...] a abundância de informação é comparável a uma nuvem tóxica [...] ao passo que essa abundância causa sintomas como perda de atenção, memória e estados de ansiedade”.

Dentre as várias respostas a esta questão, uma chamou a atenção. O sujeito G15 declarou que seu rendimento, sua memória e concentração são afetados por esse volume de informações pelos mesmos motivos que os demais respondentes, porém ele aborda outro fator importante: seu comportamento diante do excesso de informação pode ter relação com o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) e com o Transtorno de Déficit de Atenção (TDA) que ele tem diagnosticado. Segundo ele:

Acredito que muitas vezes fico na "superfície", não aprofundo nas informações. Posso ver muitas coisas e depois não lembrar muito bem, visto a quantidade de informações visualizadas. Por exemplo, abrindo vários links que aparecem no facebook. Além disso, me desconcentro com maior facilidade, tendo dificuldade para focar em determinada atividade. Posso ver outras informações e acabo me dispersando. Logo, meu rendimento cai. Porém, é possível que isso esteja relacionado com o transtorno obsessivo compulsivo ou com o transtorno (sic) de déficit de atenção. (G15).

¹⁵ FRANGANITTO, Jorge. La ansiedad informativa. **Uno**, Santa Fe, 05 jul. 2010. Opinión, p. 14. Apud Oliveira, 2011.

Estudos indicam que “[...] aproximadamente 1 em cada 40 a 60 indivíduos na população apresenta TOC, e é provável que no Brasil existam entre 3 e 4 milhões de pessoas acometidas pela doença.” (CORDIOLI, 2014, p. 14).

No estudo sobre a *Qualidade de vida em indivíduos com TOC* (NIEDERAUER et al., 2007), pacientes revelam a interferência do TOC na vida acadêmica, social e ocupacional e isso se dá graças aos sintomas apresentados por essas pessoas, o que causa um impacto negativo na qualidade de vida destes.

É importante salientar que “O transtorno de déficit de atenção afeta aproximadamente 5% das crianças e adolescentes e 4% dos adultos em todo o mundo.” (REUS; GOMES; QUEVEDO; 2015, p. 35). A desatenção que acomete esses indivíduos é “[...] associada a prejuízos acadêmicos e piores desempenhos em quase todos os parâmetros da avaliação neuropsicológica (habilidades cognitivas gerais, memória operacional, velocidade de processamento, vigilância).” (TORRES, 2015, p. 44).

Devido a isso é importante que estejamos atentos a estes fatores que de certa maneira impactam a forma com que as pessoas acometidas por esses transtornos lidam com a informação. Vale lembrar que um dos objetivos dessa pesquisa é identificar as manifestações de ansiedade informacional causadas pelo excesso de informação, porém não se pode ficar alheio a esta situação social, visto que vivemos em uma sociedade cada vez mais tecnológica que sofre com fatores trazidos ou impulsionados por essa modernização.

Os sujeitos da pesquisa ainda foram questionados se o excesso de informação afeta a vida acadêmica e cotidiana deles. A diferença nessa questão foi pequena: 7 (46,7%) acreditam que não afeta e 8 (53,3%) declaram que esse excesso de informação interfere sim na vida, tanto no que se refere a assuntos acadêmicos como cotidianos.

Aqueles que acreditam que esse aspecto afeta a sua vida acadêmica e cotidiana afirmam que isso acontece devido ao pouco tempo de sono e a dependências das tecnologias, pela sobrecarga que esse excesso de informação acarreta fazendo com que não se consiga terminar as atividades a tempo e pela distração que a internet causa. Também relatam que o grande número de informação na rede faz com que se perca tempo com coisas que poderiam ser resolvidas rapidamente, surgindo a indecisão. O sujeito G14 diz que as buscas

relacionadas à informações jurídicas como *“Doutrina e jurisprudência atualizando constantemente. Gera muita produção de informação.”*

Esse relato referente às fontes de informação jurídicas é de fato primordial não somente para os estudantes e profissionais da área do Direito, mas para todo cidadão, já que ter acesso a estas informações atualizadas faz muita diferença na vida de todos. Em relação a isso, Passos e Barros discorrem:

Temos que considerar que praticamente todos os tipos de conhecimento humano estariam relacionados ao direito, pois se este rege a vida em sociedade, regulando as relações humanas, procurando estabelecer a disciplina social, então todos os eventos que envolvem o homem, mesmo antes do nascimento, como os direitos do nascituro ou a utilização de células-tronco em pesquisas, até as obrigações geradas após a morte, como as matérias referentes à sucessão, estariam diretamente ligadas ao direito. (PASSOS; BARROS, 2009, p. 93).

Com surgimento da internet, o acesso a diversas fontes tanto nacionais como internacionais se tornou possível. No campo do Direito, a informática é grande aliada na organização e recuperação da informação, principalmente quando se trata das consultas às leis que um dia está em vigor e em outro já foram revogadas. (BARROS, 2004).

Por fim, os sujeitos dessa pesquisa foram questionados sobre a satisfação em relação à busca e uso da informação e se isso é afetado em decorrência do excesso de informação. A maioria dos respondentes, 66,7% declara estar em parte satisfeitos em relação à busca e uso da informação. Já 20% não estão satisfeitos e apenas 13,35% declaram estar satisfeitos em relação à busca e uso da informação.

Em uma pesquisa realizada com professores de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi apontado que 83,3% dos participantes ficaram satisfeitos com as fontes de informação encontradas durante a busca (CARDOSO; RAMALHO, 2006). É importante lembrar que a satisfação quanto à busca por informações nesse estudo pode ter relação com a formação, com o conhecimento e com a experiência dos participantes da pesquisa.

Em suma, quando se trata do excesso de informação e de como os sujeitos reagem diante desse fenômeno, a maioria acredita que o grande volume de informação disponível na internet é um auxílio para a tomada de decisão. Já para aqueles que acreditam prejudicar, a grande preocupação é com a confiabilidade da

informação. A maior parte ainda diz que esse excesso de informação interfere no rendimento, memória e concentração, pois é difícil lidar com a grande quantidade de informações e com o pouco tempo disponível para a realização das tarefas, sejam essas cotidianas ou acadêmicas.

4.4 ANSIEDADE DE INFORMAÇÃO NOS GRADUANDOS EM MOBILIDADE ACADÊMICA NO EXTERIOR

Com o intuito de identificar as manifestações de ansiedade informacional causadas pelo excesso de informação nos graduandos em mobilidade acadêmica no exterior foram feitos alguns questionamentos a estes estudantes.

Primeiramente foi apresentado aos sujeitos alguns comportamentos que podem indicar que lidar com a informação possa ser um problema na vida dos estudantes. Como pode ser visto na Tabela 7, a maioria dos sujeitos (73,3%) indicou que busca informações em mais de uma fonte, pois tem receio da veracidade do que encontrou:

Tabela 7 – Comportamentos relacionados à ansiedade de informação apontados pelos sujeitos da pesquisa

Os comportamentos a seguir são indicativos de que lidar com a informação talvez seja um problema em sua vida (adaptado de WURMAN, 1991), nesse sentido, indique que comportamentos você tem:	Números de alunos	
Busca informações em mais de uma fonte, pois tem receio sobre a veracidade do que encontrou.	11	73,3%
Fica nervoso por não saber lidar com tanto conteúdo acumulado.	7	46,7%
Acha que a pessoa ao seu lado está entendendo tudo e você não.	6	40%
Responde de maneira afirmativa sobre alguma notícia, autor, livro, filme ou sobre qualquer assunto, mesmo que nunca tenha ouvido falar.	2	13,3%
Sente que é incapaz de explicar algo que pensava ter entendido.	2	13,3%
Dá atenção excessiva a notícias que não têm qualquer impacto cultural, econômico ou científico em sua vida.	2	13,3%
Fica com vergonha de dizer “Não sei” e inventar uma desculpa pra não responder a algum questionamento.	0	0%
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Como já foi percebido nas respostas das questões anteriores, estes estudantes se preocupam com a credibilidade da informação que vão utilizar, ao

ponto de buscar em mais de uma fonte a mesma informação. Esse comportamento é um indicativo que a informação causa incerteza nos sujeitos diante dos dados encontrados durante o processo de busca.

Outra manifestação da ansiedade informacional indicada por 46,7% dos sujeitos da pesquisa é que estes ficam nervosos por não saberem lidar com o tanto conteúdo acumulado. No estudo realizado por Oliveira (2011), 49,6% dos participantes indicam que não se sentem atualizados com o mundo a sua volta.

De acordo com Shedroff:

[...] o que de fato nos afeta mental e emocionalmente - e às vezes até fisicamente - é a ansiedade que nos invade quando tentamos ficar a par do mundo à nossa volta. A começar pelo pressuposto cultural de que "estar atualizado" é o mínimo que se espera de nós. (SHEDROFF, 2005, p. 15):

Os sujeitos também acreditam que a pessoa ao lado compreende tudo e eles não, isso foi apontado por 40% dos respondentes. Dado semelhante foi apontado no estudo de Oliveira (2011), onde 40,8% dos participantes apresentam esse comportamento:

As falsas impressões demonstram uma insegurança em relação ao próprio comportamento informacional. A sensação que os outros sabem mais e aprendem mais são comportamentos característicos da ansiedade informacional, geram desconforto e mais ansiedade (OLIVEIRA, 2011, p. 52).

Os sujeitos da pesquisa ainda dizem responder de maneira afirmativa sobre alguma notícia, autor, livro, filme ou sobre qualquer assunto, mesmo que nunca tenham ouvido falar (13,3%). Essa questão foi apontada por 17,6% dos sujeitos da pesquisa de Oliveira (2011). "Uma forma de ansiedade é a perigosa arrogância de saber antes dos outros." (SHEDROFF, 2005, p. 16).

Alguns se sentem incapazes de explicar algo que pensavam ter entendido (13,3%). Essa manifestação foi apontada por 41,6% dos sujeitos da pesquisa realizada por Oliveira (2011). A incapacidade de explicar o que acreditávamos ter entendido é, na verdade, sinal da falta de compreensão diante de um determinado assunto. Wurman (2005) acredita que uma maneira de saber se compreendemos algo é explicar essa coisa a alguma pessoa.

Por fim os sujeitos declaram dar atenção excessiva a notícias que não têm qualquer impacto cultural, econômico ou científico em suas vidas (13,3%). No estudo de Oliveira (2011) 48,8% dos participantes manifestam esse comportamento. Shedroff (2005) fala sobre a falsa ideia de que precisamos estar sempre atualizados e bem informados:

Infelizmente como compramos a idéia de que a atualização é imprescindível e de que precisamos estar sempre “bem informados”, esquecemos que a qualidade das notícias não pode ser substituída nem pela velocidade da divulgação e nem pela quantidade de detalhes insignificantes. (SHEDROFF, 2005, p. 16).

Percebe-se através das respostas que os sujeitos manifestam comportamentos característicos da ansiedade de informação, cujos traços podem ser manifestados de diversas maneiras por meio de alguns sintomas. A fim de saber quais manifestações esses estudantes acreditam ter, foram apresentados alguns sintomas que podem ser consequência da ansiedade informacional. Essas manifestações podem ser físicas e/ou mentais, diante disso os sujeitos puderam indicar quais sintomas presentes na Tabela 8 acreditam possuir:

Tabela 8 – Manifestações em consequência do excesso de informação indicadas pelos sujeitos da pesquisa

Dentre os sintomas listados a baixo, você apresenta alguma das manifestações em consequência do excesso de informação? Aponte quais? (adaptado de OLIVEIRA, 2011).	Números de alunos	
Estresse	9	60%
Dependência das tecnologias	7	46,7
Queda de rendimento	6	40%
Alteração de humor	6	40%
Irritabilidade	5	33,3%
Distúrbios no sono	3	20%
Distúrbio na memória	2	13,3%
Perturbação	2	13,3%
Mal estar	2	13,3%
Dor de cabeça	2	13,3%
Indisposição	1	6,7%
Isolamento	1	6,7%
Outros	1	6,7%
Tontura	0	0%
Vertigem	0	0%
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

O sintoma mais lembrado pelos graduandos foi o estresse (60%), seguido pela dependência tecnológica (46,7%). A queda de rendimento e a alteração de humor foram indicadas por 40% dos respondentes. A irritabilidade (33,3%) e o distúrbio do sono (20%) também foram apontados pelos estudantes, bem como o distúrbio de memória, a perturbação, o mal estar e a dor de cabeça, com 13,3% das indicações cada. O isolamento foi lembrado por 6,7% dos sujeitos. Outro sintoma, como a ansiedade propriamente dita, foi citado pelo sujeito G15.

O estudo de Akin¹⁶ (1998 apud FIALHO; ANDRADE, 2007, p. 29) sobre a sobrecarga informacional, com 265 alunos do ensino público elementar do Texas, nos Estados Unidos, apontou que estes alunos “[...] experimentam sentimentos de confusão, frustração, irritação, fúria, estresse, tensão e pânico, além de sintomas físicos, como dor de cabeça, cansaço, depressão, fadiga e doenças.”

O excesso de informação que gera essas manifestações de ansiedade afeta a memória e prejudica o aprendizado conforme o pensamento de Izquierdo:

Todos sabemos por experiência própria que os estados de ânimo, as emoções, o nível de alerta, a ansiedade e o estresse modulam fortemente as memórias. Um aluno estressado ou pouco alerta não forma corretamente memórias numa sala de aula. Um aluno que é submetido a um nível alto de ansiedade depois de uma aula, pode esquecer aquilo que aprendeu. Um aluno estressado na hora da evocação (numa prova, por exemplo) apresenta dificuldades para evocar (o famoso “branco”); outro que, pelo contrário, estiver bem alerta, conseguirá recordar muito bem. (IZQUIERDO, 2011, p. 80).

A internet faz parte do cotidiano de grande parte da população. Diante disso, surgem tecnologias capazes de levar informações de formas cada vez mais rápidas a todos. Por esse motivo os sujeitos dessa pesquisa foram questionados sobre como se sentem diante da quantidade de informação disponibilizada na rede e se a internet é a principal causa da ansiedade informacional na opinião deles.

Analisando as respostas percebe-se que são opiniões diversas, apenas 3 dos participantes respondem de maneira direta, com sim ou não. Ao analisar as respostas pode ser dito que dos 15 sujeitos 8 sentem que a quantidade de informação interfere na sua vida e que ela é a causadora da ansiedade de informação. Já 2 participantes acreditam que ela interfere em parte, mas não

¹⁶ AKIN, L. Information overload and children: a survey of Texas elementary students. Shool Library Media Quaterly (Online), 1998. Apud Fialho, 2007.

acreditam que seja a única causa para a ansiedade informacional. Outros 5 não acham que a quantidade de informação disponibilizada na internet interfira em sua vida e seja a causa de sua ansiedade. As respostas de todos os sujeitos são apresentadas no Quadro 2:

Quadro 2 – Relação entre a quantidade de informação na internet e a ansiedade informacional

Como você se sente diante da grande quantidade de informação disponibilizada na internet? Acredita que a internet seja a principal causa para sua ansiedade de informação? Se não, qual o motivo você aponta? Números de alunos	
Participante	Resposta
G1	Sim
G2	Me sinto confortável e ao mesmo tempo insegura, tendo em vista a desconfiança pela veracidade ou não do que se encontra.
G3	Acredito que a ansiedade se da pela cobrança em absorver todas essas informações e conhecimento, não pela quantidade.
G4	Acho pois a internet pode ser muito ruim para nós em vários aspectos.
G5	Sinto que estou diante de muita informação, que nem sempre é confiável. De modo que é preciso buscar em várias fontes a mesma coisa.
G6	Acredito que não, principalmente por conta de que na minha área de estudo as fontes encontradas na internet costumam ser escassas e incompletas, o que me faz ter uma tendência maior de procurar em livros ou revistas.
G7	Não sei responder.
G8	A internet é um veículo globalizado, que pluraliza os centros de produção de informação. A pluralidade de informações não é o problema central, mas sim a confiabilidade dos dados expostos nos textos e fontes de notícias. Tenho uma preocupação quanto as fontes de dados e de informação. A ideia de ansiedade da informação, neste sentido, pode ocultar que a internet, por diferentes mercados e circuitos, disponibiliza e impõe aos seus fruidores determinados conteúdos com caráter político e comercial. Ou seja, ao se falar de ansiedade de informação individualiza-se uma questão incentivada por uma rede de comunicações global, sustentada amplamente por capitais econômicos e políticos, com regulamentações não globais, apenas nacionais. O conceito de ansiedade de informação deve ser pensado assim, não como causa, mas sim como efeito de uma globalização de conteúdos e da produção de informações, já que uma epistemologia realista é utilizada (isto é, pensa-se o comportamento em termos de consumo de conteúdo e informação).
G9	Não.
G10	Perdida, sinto que nunca saberei tudo. Acredito que seja um dos motivos
G11	Me sinto sufocada, mas acredito ser necessária essa acessibilidade, pois a alienação nos faz menos sociáveis. Sim.
G12	Às vezes é ruim, pois retira um pouco do "mistério" e da novidade.
G13	Acredito que seja. É difícil acompanhar todas as notícias que aparacem no Feed, e além disso, há o sentimento constante de se estar perdendo algo importante por não ter conseguido acessar a fonte correta. Também, é difícil saber o que é verdade e oq (sic) eu é mentira, ainda mais tratando-se dos canais de mídia tradicional di Brasil
G14	Meio perdida no meio de tanta coisa, mas se organizar da pra aproveitar grande parte da informação e melhorar o conteúdo estudado.

G15	Acho que me sinto ansioso. Não sei qual a informação mais adequada. Ou, são tantas informações, que acabo perdendo tempo. Parece existir uma "dificuldade" para se desvencilhar daquela quantidade de informações e voltar para a atividade que necessita ser realizada. Corro o risco de ficar em uma análise superficial. No fim, acho que perco muito tempo. Porém, acredito que existem outros motivos: tenho diagnóstico de transtorno obsessivo compulsivo e também de transtorno do déficit de atenção. Atualmente, não tomo mais remédio para o T.O.C., mas, posso utilizar a medicação para o transtorno de déficit de atenção. Mesmo assim, procuro organizar-me melhor para conseguir concentrar-me, e não precisar utilizar medicação.
-----	--

Fonte: Dados da pesquisa.

Observando o quadro acima, é possível perceber pelas respostas que muitos pontos trazidos anteriormente ressurgem nessa questão, como a preocupação com a veracidade e a confiabilidade da informação, mencionada pelos sujeitos G2 e G5. Já o sujeito G3 apresenta um comportamento típico da ansiedade informacional, quando diz que a ansiedade se dá não pela quantidade de informação disponibilizada na internet, mas sim pela cobrança em absorver todas as informações e conhecimentos. Essa tentativa de querer absorver tudo e estar atualizado é um fator que gera a ansiedade (SHEDROFF, 2005).

O sujeito G10 declara que se sente: *“Perdida, sinto que nunca saberei tudo”*. Wurman (1991, p.60), diz que “Sendo capaz de admitir que não sabe, você fica mais propenso a formular as perguntas que lhe permitirão aprender.” A aceitação levará a compreensão e, como foi dito por Wurman (2005), somente quando compreendemos é que de fato aprendemos.

O sujeito G14 declara se sentir perdida, mas quando se organiza consegue aproveitar boa parte da informação. Eliot Christian (2005) declara:

A internet proporciona acesso a uma quantidade assombrosa de informações. Serviços de busca ampla na Internet indexam centenas de milhões de páginas. No entanto, as pessoas não podem descobrir o que desejam a menos que a informação esteja de certa forma organizada. (CHRISTIAN, 2005, p. 176).

A fim de compreender melhor o comportamento dos sujeitos da pesquisa e deixá-los mais livres para responder, questionou-se acerca de outros fatores, além do informacional, que pudessem gerar a ansiedade de informação. A grande maioria indicou que questões relacionadas a despesas são as que mais preocupam eles, com 86,7% das indicações. Outro fator que pode gerar algum tipo de ansiedade nos sujeitos é da distância da família, com 60% das indicações, seguido pela forma de

ensino e tipo de avaliação realizada pela instituição de ensino escolhida para a realização da mobilidade acadêmica, indicada por 53,3% dos participantes. Ainda foram apontados pelos sujeitos a questão do fuso horário (40%), dos novos costumes e cultura (26,7%), e outros fatores, que aparecem com 20% das indicações:

Tabela 9 – Outros fatores que causam desconforto informacional nos sujeitos da pesquisa

Além da questão informacional, que pode gerar algum tipo de ansiedade, aponte que outros fatores causam esse desconforto em você:	Números de alunos	
Questões relacionadas a despesas (alojamento, alimentação, renovação de visto etc.)	13	86,7%
Distância da família e dos amigos	9	60%
Forma de ensino e tipo de avaliação da instituição de ensino escolhida	8	53,3%
Fuso horário	6	40%
Novos costumes e cultura	4	26,7%
Outras	3	20%
Total	15	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Quando se trata de outros fatores, o sujeito G2 aponta que *“Muitas viagens organizadas, maior responsabilidade.”* Esse motivo também foi apontado pelo sujeito G13: *“Pressão por viajar, aproveitar a vida e o Intercambio, fazer as viagens que todos fazem e ficam postando no instagam e ter que conciliar isso com estudos e responsabilidades domésticas”.*

Já para o sujeito G15, os fatores que podem gerar ansiedade talvez não tenham relação com as atividades referentes à mobilidade acadêmica, mas com o seu diagnóstico de TOC e TDA, segundo sua percepção. De fato essas questões trazidas pelo sujeito podem intensificar os níveis de ansiedade diante da sobrecarga informacional com que nos deparamos no momento em que buscamos alguma informação, sejam estas acadêmicas ou cotidianas.

Diante das colocações dos sujeitos da pesquisa pode-se perceber que a maioria deles apresenta algum comportamento indicativo que lidar com a informação causa desconforto, incerteza e até mesmo sintomas físicos e psicológicos, como estresse, queda de rendimento, alteração de humor entre outros. A maioria dos sujeitos acredita que o excesso de informação é a principal causa da ansiedade de informação, porém por estarem em outro país às preocupações referentes às

despesas e até mesmo a distância da família e a forma de avaliação das instituições de ensino afetam o comportamento desses estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal finalidade do presente estudo foi identificar através do comportamento informacional de graduandos em mobilidade acadêmica no exterior se o excesso de informação causa manifestações características da ansiedade de informação. Através da análise das respostas ao questionário foi possível traçar um perfil desses estudantes, que são jovens entre 21 e 25, na sua maioria do sexo feminino, provenientes de IES privada e do curso de Direito, que escolheram Portugal para realização dessa modalidade de ensino. Se percebe que estes estudantes vão em busca de desenvolvimento pessoal e profissional e para isso desejam ter novas experiências e conhecer novas culturas e costumes.

Quando se trata da busca de informações acadêmicas ou cotidianas pode-se perceber que a maioria dos sujeitos da pesquisa utilizam as fontes de informação na internet, bem como as redes sociais e a consulta a amigos. Percebe-se que a dificuldade em relação às fontes de informação está ligada a acessibilidade e a confiabilidade da informação encontrada. Verifica-se a pouca utilização da biblioteca por estes estudantes, que ainda manifestam desconforto diante deste tipo de unidade de informação. Para os sujeitos da pesquisa, a mudança de país interfere na maneira de buscar a informação, pois nem mesmo a globalização da internet responde de maneira integral as necessidades informacionais que surgem quando se está em um lugar com cultura e costumes diferentes.

Depreende-se que os sujeitos da pesquisa acreditam que o excesso de informação é um auxílio na tomada de decisão, porém mais uma vez nota-se a preocupação com a confiabilidade e a veracidade da informação. O grande volume de informação faz com que os sujeitos da pesquisa manifestem alguns sintomas decorrentes da ansiedade informacional, como queda de rendimento e questões relacionadas à memória e concentração.

Os sujeitos da pesquisa, em sua maioria, apresentam manifestações indicativas da ansiedade informacional e mostram desconforto em manipular a informação, gerando incerteza diante das informações recuperadas. A maioria acredita que o volume de informação é a principal causa da ansiedade informacional, no entanto percebe-se que por estarem em outro país surgem preocupações cotidianas, como as despesas e a distância da família e até mesmo a

maneira como as instituições de ensino realizam as avaliações acadêmicas dos estudantes, fazendo com que o comportamento dos sujeitos seja afetado.

Diante das manifestações trazidas pelos sujeitos da pesquisa, pode-se concluir que o excesso de informação afeta o comportamento informacional e causa efeitos característicos da ansiedade de informação nestes sujeitos. Contudo, ao analisar as respostas dos sujeitos de pesquisa, percebeu-se a preocupação recorrente com a credibilidade, a confiabilidade e a veracidade da informação disponibilizada na internet.

Com isso, é possível considerar que esse desconforto durante a busca é reflexo do desconhecimento desses sujeitos em relação às fontes de informação adequadas para cada área, particularmente as fontes de informação na internet. Dessa maneira, é possível supor que se estes estudantes conhecessem as fontes adequadas para a busca, lidar com o volume de informação disponibilizada na internet não seria um problema e os efeitos da ansiedade de informação seriam minimizados.

Uma maneira de lidar com esse problema trazido pela pesquisa e fazer com que os estudantes reconheçam as fontes adequadas para realizarem suas buscas é recorrer aos serviços da biblioteca, mais precisamente ao bibliotecário que é o profissional que tem como competências compreender o processo de busca da informação e facilitar o reconhecimento e acesso as fontes de informação mais adequadas para cada área entendendo a necessidade individual de cada usuário.

Por fim, indica-se que estudos voltados ao comportamento informacional e os aspectos que influenciam a busca e uso da informação principalmente em relação às fontes de informação na internet tenham continuidade. Outro fator que justifica a continuidade desse estudo é o papel da biblioteca e do bibliotecário diante da globalização da informação e como esse profissional pretende capacitar os usuários da informação diante das ferramentas digitais existentes e pouco ou mal exploradas pela comunidade.

REFERÊNCIAS

AGEMED. Você sabe o que é agorafobia? **Agenews**, 19 de abril, 2016. Disponível em: <<https://www.agemed.com.br/agenews/voce-sabe-o-que-e-agorafobia/>>. Acesso em: 20 out. 2016.

ALVES, Ermeson Nathan Pereira; BEZERRA, Sarah Freire; SAMPAIO, Débora Adriano. Ansiedade de informação e normose: as síndromes da sociedade da informação. **Biblionline**, v. 11, n. 1, p. 130-139, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/17168/14657>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

BARROS, Lucivaldo. Fontes de informação jurídica. In: PASSOS, Edilenice (Org.). **Informação jurídica: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 201-225.

BERNIK, Vladimir; LOPES, Katrini Vianna. Estresse, Depressão e ansiedade. In: **Revista Brasileira de Medicina**, São Paulo, v. 68, n.3, maio 2011. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=4780>. Acesso em: 20 nov. 2016.

BETT, Daniela Zanrosso. **Jovens Universitários e Intercâmbio Acadêmico**. Porto Alegre, 2012. 34f. Monografia (Especialização). Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/62374>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

BONOTTO, Martha Eddy Krummenauer Kling. **Fontes pessoais de informação 2013**. Porto Alegre, 2013. 26 slides, color.

CALVA GONZÁLEZ, Juan José. **Las necesidades de información: fundamentos teóricos e métodos**. México, DF: CUIB, 2004. Disponível em: <http://132.248.242.3/~publica/archivos/libros/necesidades_informacion_fundamentos.pdf>. Acesso em: 22 Out. 2016.

CARDOSO, Maria de Lourdes, RAMALHO, Francisca Arruda. Buscas de informação para satisfação de necessidades: um estudo com professores do curso de biblioteconomia - CCSA/UFPB. **Biblionline**, João Pessoa, v. 2, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/595>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

CASARIN, Helen de Castro Silva; OLIVEIRA, Etienne Siqueira de. O uso da informação no âmbito acadêmico: o comportamento informacional de pós-

graduandos da área de educação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, p. 169-187, ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17nesp1p169>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

CASTRO, Alda Araújo, CABRAL NETO, António. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, América do Norte, 21, out. 2012. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3082>>. Acesso em: 07 Out. 2016.

CHAVES, Vera Lúcia Jacob; DE CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo de. Internacionalização da educação superior no Brasil: programas de indução à mobilidade estudantil. In: **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 118-137, maio 2016. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/index.php/RIESup/article/view/7531/6387>>. Acesso em: 07 out. 2016.

CHOO, Chun Wei. Como ficamos sabendo: um modelo de uso da informação. In: _____. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: SENAC, 2006. p. 63-120.

CHOO, Chun Wei. A organização do conhecimento II – como equilibrar tensões e administrar a informação. In: _____. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: SENAC, 2006. p. 381-421.

CHRISTIAN, Eliot. Um serviço localizador de informação global. In: WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade Informacional 2**: um guia para quem comunica e dá instruções. São Paulo: Cultura, 2005.

CLARK, David A.; BECK, Aaron T. **Terapia cognitiva para os transtornos de ansiedade**: ciência e prática. Porto Alegre: Artmed, 2012.

CORDIOLI, Aristides Volpato. **O TOC: manual de terapia cognitivo – comportamental**: para o transtorno obsessivo-compulsivo. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CORDÓN GARCIA, José Antonio. Sobre la información, su necesidad y los modos de acceder a ella. In: TORRES RAMÍREZ, Isabel de (Ed.). **Las fuentes de información: estudios teórico-prácticos**. Madrid: Síntesis, 1998. Cap. 1, p. 17-27.

CRESPO, Isabel Melo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Comportamento de Busca de Informação: uma comparação de dois modelos. **Em questão:** Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 271-281, jul./ dez. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/73/33>>. Acesso em: 09 out. 2016.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa:** escolhendo entre cinco. 3. ed. Porto Alegre : Penso, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre : Artmed, 2010.

CUNHA, Murilo Bastos da; AMARAL, Sueli Angelica do; DANTAS, Edmundo Brandão. **Manual de estudo de usuários da informação.** São Paulo: Atlas, 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais:** fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa** : teorias e abordagens. 2.ed. Porto Alegre : ArtMed, 2006. p. 17.

FIGUEIREDO, Nice Menezes. de. **A modernidade das cinco leis de Ranganathan.** Ciência da Informação, Brasília, v. 21, n. 3, p. 186-191, set./dez. 1992. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/430/430>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

FIALHO, Janaina Ferreira; ANDRADE, Maria Eugênia A. Andrade. Comportamento informacional de crianças e adolescentes: uma revisão da literatura estrangeira. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 36, n. 1, p. 20-34, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1184/1348>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre : Artmed, 2009.

GERHARDT, Tatiana et al. Estrutura do projeto de pesquisa. In: **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. p. 65-88.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p.34.

GONZÁLEZ TERUEL, Aurora. **Los estudios de necesidades y usos de la información**: fundamentos y perspectivas actuales. Gijón: Trea, 2005.

IMMIG, Cássio Felipe. **Informação para a prática docente**: o comportamento informacional dos professores de ensino fundamental da Escola Municipal Selvino Ritter do município de Estância Velha–RS. Trabalho de conclusão (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/67781>>. Acesso em: 12 out. 2016.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2011. p. 80.

KIM, Kyung-Sun ; YOO-LEE, EunYoung ; SIN, Sei-Ching Joanna. **Social media as information source**: Undergraduates' use and evaluation behavior. Proceedings of the American Society for Information Science and Technology, New Orleans, LA, v. 48, n. 1, p. 1-3, out. 2011. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/meet.2011.14504801283/full>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

LE COADIC, Yves-Francois. **A ciência da informação**. 2.ed. Brasília, DF : Briquet de Lemos, 2004.

LIMA, Manolita Correia et al. Motivações da Mobilidade Estudantil entre os Estudantes do Curso de Administração. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 2. 2009, Curitiba. **ANPAD**. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ282.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

LOPEZ, Ilza Leite. Novos paradigmas para avaliação da qualidade da informação em saúde recuperada na Web. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 33, n. 1, p. 81-90, jun. 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1071/1166>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 4.

MAY, Rolo. **O significado da ansiedade:** as causas da integração e desintegração da personalidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

MIRANDA, Ana Maria Mendes; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Busca e uso da informação: uma abordagem sobre as habilidades informacionais de universitários. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 3, p. 94-111, jul./set., 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/28897/16636>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MIRANDA, Silvânia Vieira. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 35, n. 3, jul. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1117/1252>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

NIEDERAUER, Kátia Gomes et al. Qualidade de vida em indivíduos com transtorno obsessivo-compulsivo: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Psicologia**, São Paulo, v.29, n.3, set. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v29n3/2430.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

OLETO, Ronaldo Ronan. Percepção da qualidade da informação. **Ciência da Informação**, [S.l.], v. 35, n. 1, ago. 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1153/1316>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

OLIVEIRA, Natália Gastaud de. **Ansiedade informacional:** o caso dos estudantes de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de conclusão (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/37539>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

PASSOS, Edilenice; BARROS, Lucivaldo Vasconcelos. **Fontes de informação para pesquisa em direito.** Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

RAUPP, Monique; SEIFRIZ, Marco Antônio. Os desafios da mobilidade acadêmica para a gestão universitária: um survey com graduandos da UDESC. In: **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 282-300, maio 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/viewFile/1983-4535.2016v9n2p282/31663>>. Acesso em: 26 jun.2017.

REUS, Gislaine Zilli; GOMES, Karin Martins; QUEVEDO, João. Modelos animais de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. In: NARDI, Antônio Egidio; QUEVEDO, João; SILVA, Antônio Geraldo da (Orgs.). **Transtorno déficit de atenção/hiperatividade:** teoria e clínica. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 35-41.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 79

SABER, Marina Medina. **Efeitos da sobrecarga de informação no cotidiano de jornalistas em Campo Grande – MS**. 2006. 228 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5520>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHEDROFF, Nathan. Formas de ansiedade de informação. In: WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação 2: um guia para quem comunica e dá instruções**. São Paulo: Cultura, 2005.

SITE Psicobesidade. **Ansiedade**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.psicobesidade.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=134&Itemid=79>. Acesso em: 21 nov. 2016.

TERRA, J. C. ; BAX, M. P. Portais corporativos: instrumento de gestão de informação e de conhecimento. In: Isis Paim (Org.). **A Gestão da Informação e do Conhecimento**. Belo Horizonte, 2003, p. 33-53. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Marcello_Bax/publication/228551234_Portais_corporativos_instrumento_de_gestao_de_informacao_e_de_conhecimento/links/0912f50c266a4b1485000000.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

TOMAÉL, Maria Inês et al. Critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na internet. In: TOMAÉL, Maria Inês; VALENTIM, Marta Ligia Pomim (Orgs.). **Avaliação de fontes de informação na internet**. Londrina: Eduel, 2004. p. 19-40.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; SILVA, Terezinha Elisabeth. Fontes de Informação Digital: critérios de qualidade. In: TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler (Orgs.). **Fontes de Informação Digital**. Londrina: Eduel, 2016. p. 13-44.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; SILVA, Terezinha Elisabeth. Fontes de informação na internet: critérios de qualidade. In: TOMAÉL, M. I. (Org.). **Fontes de informação na internet**. Londrina: EDUEL, 2008. p.3-28

TORRES, Júlia Rodrigues Figueiredo Subtipos de transtorno déficit de atenção/hiperatividade. In: NARDI, Antônio Egidio; QUEVEDO, João; SILVA, Antônio Geraldo da (Orgs.). **Transtorno déficit de atenção/hiperatividade: teoria e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 44-47.

UNESCO. Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution. In: **A Report Prepared for the UNESCO 2009 World Conference on Higher Education**, Paris, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001831/183168e.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de coleta de dados no campo**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

VILLASEÑOR RODRIGUEZ, Isabel. Los instrumentos para la recuperación de la información: las fuentes. In: TORRES RAMÍREZ, Isabel de (Ed.). **Las fuentes de información: estudios teórico-prácticos**. Madrid: Síntesis, 1998. Cap. 2, p. 29-42.

WILSON, Thomas Daniel.; WALSH, Christina. **Information behaviour: an interdisciplinary perspective contents**. Reino Unido: British Library Research and Innovation Reports, 1996. Disponível em: <<http://informationr.net/tdw/publ/infbehav/cont.html>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade Informacional: como transformar informação em compreensão**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade Informacional 2: um guia para quem comunica e dá instruções**. São Paulo: Cultura, 2005.

APÊNDICE A – Questionário

Comportamento informacional de alunos em mobilidade acadêmica no exterior e os efeitos da ansiedade de informação

Sou aluna do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e convido você a participar de uma investigação que estou desenvolvendo para meu trabalho de conclusão de curso, cujo objetivo é identificar em estudantes universitários que estejam em mobilidade acadêmica no exterior possíveis sintomas de ansiedade informacional.

A ansiedade informacional está ligada à explosão da informação e ao avanço tecnológico, que produziu um volume assombroso de informação. A facilidade em acessar essa informação é algo que pode trazer alguns problemas para quem a procura. Com tanto material disponível, surgem dúvidas como: o que devo usar, o que é seguro, o que de fato eu preciso e é importante para solucionar minhas necessidades. Essas dúvidas acabam trazendo certa inquietação e incertezas, que são características da ansiedade informacional. As questões abaixo servirão para compreender como você se comporta quando necessita de informações cotidianas ou acadêmicas.

A sua participação é de extrema importância a fim de realizar um estudo de qualidade. Asseguro a você que as respostas e identificação dos participantes permanecerão em sigilo absoluto.

Qualquer dúvida, por favor, entre em contato através do e-mail:
marta_deoliveira@outlook.com

Grata pela contribuição de todos
Marta de Oliveira
Graduanda em Biblioteconomia – UFRGS

*Obrigatório

Perfil dos alunos em mobilidade acadêmica no exterior

As questões abaixo servirão para traçar o perfil dos estudantes em mobilidade acadêmica.

1. Faixa etária: *

- ☐ Entre 18 - 20 anos
- ☐ Entre 21 - 25 anos
- ☐ Entre 26 - 30 anos
- ☐ 31 anos ou mais

2. Sexo: *

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

3. Qual a sua instituição de ensino de origem? *

- ☐ IES PRIVADA
- ☐ IES PÚBLICA

4. Que curso você faz? *

Sua resposta

5. O tipo de mobilidade acadêmica que você está realizando é de: *

- ☐ 1 semestre
- ☐ 2 semestres
- ☐ Outro

6. Em que período da mobilidade acadêmica, você está atualmente? *

- ☐ 1º semestre
- ☐ 2º semestre

7. Sua mobilidade acadêmica é com bolsa? *

- ☐ Não
- ☐ Sim

Se você marcou a opção sim, diga qual:

Sua resposta

8. Em qual país você está realizando a mobilidade acadêmica? *

Sua resposta

9. Em qual instituição de ensino você está fazendo a mobilidade acadêmica? *

Sua resposta

10. Indique os seus motivos para realizar a mobilidade acadêmica no exterior: *

- ☐ Troca de conhecimentos e experiências
- ☐ Conhecer uma nova cultura
- ☐ Aprender ou praticar um novo idioma
- ☐ Buscar autoconhecimento (amadurecimento)
- ☐ Busca por uma formação integrada
- ☐ Desenvolvimento pessoal ou profissional
- ☐ Outros

Se você marcou a opção outros, responda quais:

Sua resposta

11. Quando você precisa de informações em suas atividades cotidianas e acadêmicas no país em que está atualmente, onde você procura? *

- ☐ Biblioteca
- ☐ Amigos
- ☐ Internet (Google, sites especializados)
- ☐ Redes Sociais (Facebook, Twitter, Whatsapp)
- ☐ Centro de apoio ao estudante da universidade
- ☐ Instituição de origem
- ☐ Outras fontes

Se você marcou a opção outras fontes, quais?

Sua resposta

12. Quando você necessita de alguma informação, referente à suas atividades acadêmicas ou cotidianas, quanto tempo em média você leva para encontrá-las? *

- ☐ Menos de 10 min
- ☐ Entre 10 e 30 min
- ☐ Entre 40 e 60 min
- ☐ Mais de 60 min

13. Você utiliza todas as informações que encontra? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Se você marcou a opção não, de que forma você escolhe as informações que irá utilizar?

Sua resposta

14. Você acredita que o grande volume de informação disponibilizada auxilia ou prejudica na tomada de decisão para suas atividades cotidianas e acadêmicas? *

- ☐ Auxilia
- ☐ Prejudica

Por quê? *

Sua resposta

15. Quando você procura por informações, sejam elas para suas atividades acadêmicas ou cotidianas, sente alguma dificuldade? *

- ☐ Não
- ☐ Sim

Se você marcou sim, de que tipo?

Sua resposta

16. Em relação a que tipo de fonte de busca você se sente mais desconfortável? *

- ☐ Biblioteca
- ☐ Amigos
- ☐ Internet (Google, sites especializados)
- ☐ Redes Sociais (Facebook, Twitter, Whatsapp)
- ☐ Centro de apoio ao estudante da universidade
- ☐ Instituição de origem
- ☐ Outras fontes

Se você marcou outras fontes, diga quais:

Sua resposta

17. Você acredita que a vida em outro país e a mudança de costumes e cultura, influencia na maneira em que procura por informações? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Por quê? *

Sua resposta

18. Os comportamentos a seguir são indicativos de que lidar com a informação talvez seja um problema em sua vida (adaptado de WURMAN, 1991), nesse sentido, indique que comportamentos você tem: *

- ☐ Busca informações em mais de uma fonte, pois tem receio sobre a veracidade do que encontrou.
- ☐ Fica nervoso por não saber lidar com tanto conteúdo acumulado.
- ☐ Responde de maneira afirmativa sobre alguma notícia, autor, livro, filme ou sobre qualquer assunto, mesmo que nunca tenha ouvido falar.
- ☐ Sente que é incapaz de explicar algo que pensava ter entendido.
- ☐ Dá atenção excessiva a notícias que não têm qualquer impacto cultural, econômico ou científico em sua vida.
- ☐ Acha que a pessoa ao seu lado está entendendo tudo e você não.
- ☐ Fica com vergonha de dizer "Não sei" e inventa uma desculpa pra não responder a algum questionamento.

19. Como você se sente diante da grande quantidade de informação disponibilizada na internet? Acredita que a internet seja a principal causa para sua ansiedade de informação? Se não, qual o motivo você aponta? *

Sua resposta

20. Dentre os sintomas listados a baixo, você apresenta alguma das manifestações em consequência do excesso de informação? Aponte quais? *

- ☐ Estresse
- ☐ Tontura
- ☐ Perturbação
- ☐ Vertigem
- ☐ Queda de rendimento
- ☐ Alteração de humor
- ☐ Irritabilidade
- ☐ Distúrbios no sono
- ☐ Indisposição
- ☐ Distúrbio na memória
- ☐ Isolamento
- ☐ Dependência das tecnologias
- ☐ Mal estar
- ☐ Dor de cabeça
- ☐ Outros

Se você marcou a opção outros, responda quais:

Sua resposta

21. Você considera que o excesso de informação afeta sua memória, concentração e rendimento? *

- ☐ Não
- ☐ Sim

Se você marcou a opção sim, responda de que maneira:

Sua resposta

22. O excesso de informação afeta sua vida cotidiana e acadêmica? *

- ☐ Não
- ☐ Sim

Se você marcou a opção sim, responda de que maneira:

Sua resposta

23. A sua satisfação em relação à procura e utilização da informação, é afetada em virtude do excesso de informações? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Em parte

24. Além da questão informacional, que pode gerar algum tipo de ansiedade, aponte que outros fatores causam esse desconforto em você: *

- ☐ Novos costumes e cultura
- ☐ Distância da família e dos amigos
- ☐ Forma de ensino e tipo de avaliação da instituição de ensino escolhida
- ☐ Fuso horário
- ☐ Questões relacionadas a despesas (Alojamento, alimentação, renovação de visto, etc)
- ☐ Outras

Se você marcou a opção outros, diga quais:

Sua resposta

ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

APÊNDICE B – Mensagem enviada aos sujeitos da pesquisa

5 DE ABRIL DE 2017 15:35

Boa tarde,
Me chamo Marta e sou aluna do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estou realizando uma pesquisa para meu TCC, meu trabalho tem o intuito de investigar o comportamento informacional de alunos em mobilidade acadêmica no exterior e os efeitos da ansiedade informacional. Para isso desenvolvi um questionário com 24 questões, algumas abertas e outras fechadas, a fim de através da análise das respostas poder responder ao problema de pesquisa do meu estudo. Solicito gentilmente que você responda ao questionário que desenvolvi, sua participação é de extrema importância a fim de realizar um estudo de qualidade. Para responder ao questionário não será necessário se identificar, dessa forma asseguro você que os dados informados não serão divulgados.

...



Qualquer dúvida, por favor, entre em contato comigo por aqui ou através do e-mail:
marta_deoliveira@outlook.com
Grata pela contribuição de todos
Marta de Oliveira
Graduanda em Biblioteconomia – UFRGS

Comportamento informacional de alunos em mobilidade acadêmica no exterior e os efeitos da ansiedade de informação

Este estudo do curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é uma pesquisa de natureza exploratória que visa investigar o comportamento informacional de alunos em mobilidade acadêmica no exterior e os efeitos da ansiedade de informação.

A ansiedade informacional está ligada à complexidade da informação e do acesso tecnológico, que produz um estado de incerteza e insegurança. A finalidade do estudo é investigar esse fenômeno e como ele pode gerar alguns problemas para quem a procura. Com tanto material disponível, surge a dúvida sobre o que deve ser usado, o que é seguro, o que é falso e o que é preciso e o que não é. A ansiedade informacional é um fenômeno que ocorre quando o indivíduo não consegue lidar com a quantidade de informações disponíveis no ambiente.

A sua participação é de extrema importância a fim de realizar um estudo de qualidade. Agradecemos a você que se dispôs a participar desta pesquisa e esperamos que seja útil.

Qualquer dúvida, por favor, entre em contato através do e-mail:

Comportamento informacional em alunos em mobilidade acadêmica no exterior e os efeitos...

Sou aluna do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio..

docs.google.com